



SIP

CADERNO DE RESUMOS

2022.2

SIP



Reitor

Alessandro Fernandes de Santana

Vice-Reitor

Maurício Santana Moreau

Diretor do DLA

Fernando José Reis de Oliveira

Coordenador do PPGL

Isaías Francisco de Carvalho

Vice-coordenadora do PPGL

Élida Paulina Ferreira

Secretária

Jaíne Andrade Pereira

Disciplina Métodos e Práticas de Pesquisa I

Paula Regina Siega

Coordenação do Seminário Interdisciplinar de Pesquisa

Isaías Francisco de Carvalho

Comissão Organizadora

Camila de Jesus Silva (Linha A) – cjsilva.let@uesc.br

Sávio Oliveira da Silva Santos (Linha B) – sossantos@uesc.br

Felipe Muniz da Silva (Linha C) – fmsilva@uesc.br

SUMÁRIO

LINHA A

Camila de Jesus Silva

O estilo disruptivo na *fusion fiction* de Bernardine Evaristo em *Girl, Woman, Other*..... 7

Fernanda dos Santos Fonseca

Obras literárias e suas adaptações cinematográficas nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE)..... 15

Matheus Messias Santos

no peito sul do hemisfério aberto: epistemologias dissidentes em lundu, da tatiana nascimento..... 23

Natália Leão Lima

O insólito e o terror como ferramentas de denúncias na literatura de Mariana Enríquez..... 31

LINHA B

Leticia Souza Araújo de Oliveira

Verbo-Suporte CAIR: Uma Análise Centrada no Uso..... 39

Sávio Oliveira da Silva Santos

Da crioulização ao pretuguês: (re)pensando as africanidades no português brasileiro..... 48

LINHA C

Felipe Muniz da Silva

Sentidos de beleza na era virtual: uma análise dos discursos de produtores negros de conteúdo do YouTube..... 57

Marcus Vinícius Alves Menezes

O funcionamento discursivo de cartilhas da saúde como divulgação científica..... 65

Itaciara Mattos Correia

A dança enquanto linguagem sociopolítica..... 73

Kellyane Melgaço Papalardo Chagas da Silva

Representação e performance nos penteados de Zuri, em Hair Love, de Mathew A. Cherry..... 80

APRESENTAÇÃO

O Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UESC) é a oportunidade de todos, todas e todos da comunidade acadêmica do programa acompanharem o desenvolvimento das pesquisas que compõem as linhas de pesquisa. Como atividade obrigatória para o Mestrado e para o Doutorado, o SIP é um pré-requisito para a realização do Exame de Qualificação das dissertações e teses em andamento.

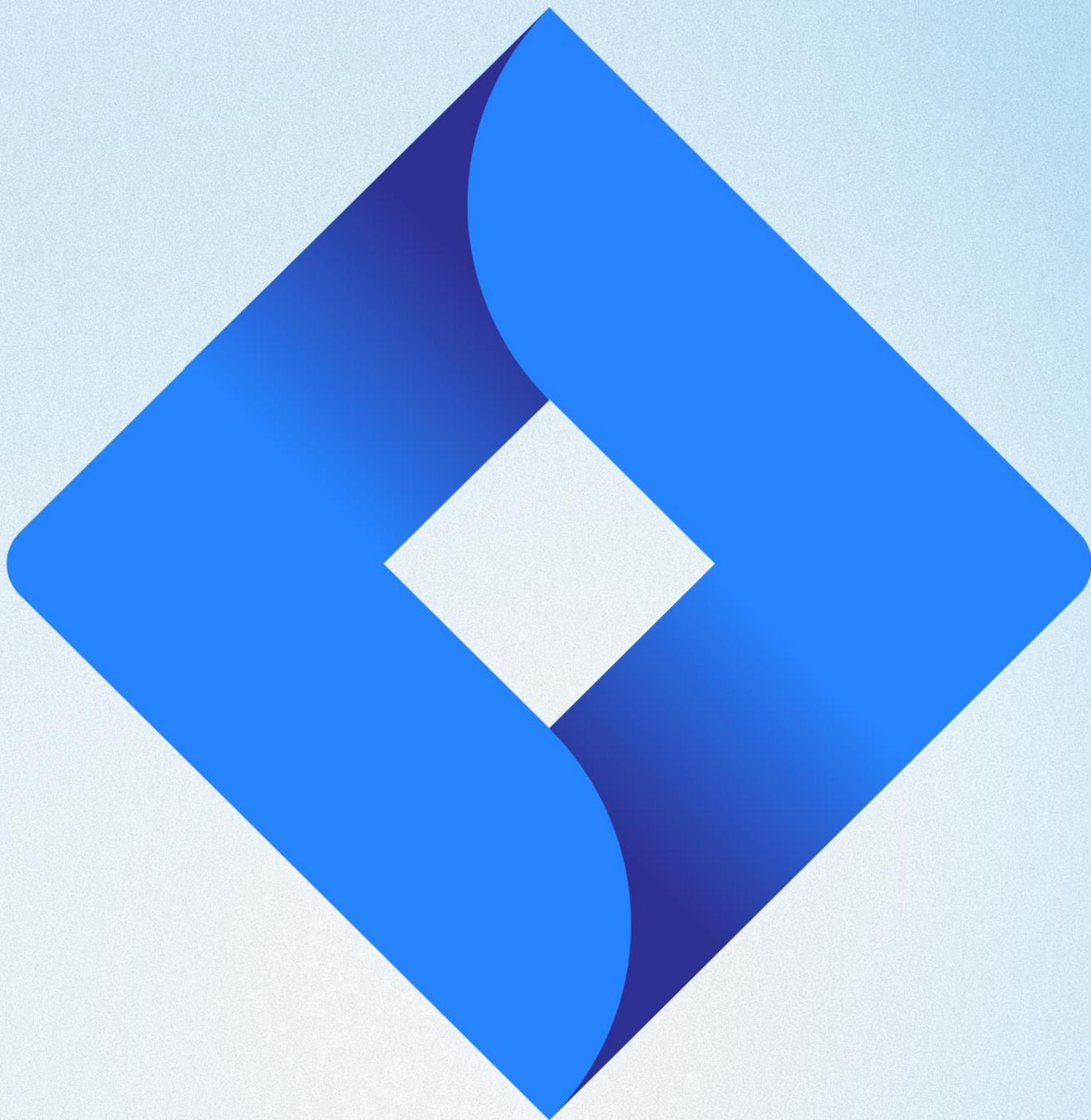
As apresentações são organizadas de acordo com cada Linha de Pesquisa: Linha A - Literatura e Interfaces; Linha B - Linguística Aplicada; Linha C - Linguagem e Estudos de Gênero. Cada dia de apresentação conta com duas/dois debatedoras/es de suas respectivas linhas que analisam os resumos produzidos por cada discente e compartilham suas contribuições, com o intuito de fomentar um debate crítico e construtivo e incentivar a continuidade e o crescimento das produções acadêmicas.

Atualmente, o SIP é realizado em dois momentos do ano: no primeiro semestre, reunindo as pesquisas desenvolvidas pelas/os doutorandas/os, e, no segundo semestre, com os trabalhos das/os mestrandas/os. Desde 2016, as programações e os resumos do SIP são disponibilizados na página do programa, contribuindo, desse modo, para uma relação de transparência com a comunidade e um aumento da visibilidade do conhecimento produzido pelo corpo discente e docente.

Neste Caderno de Resumos, podemos conhecer as pesquisas que fazem parte do SIP 2022.2, realizados nos dias 04 e 05 de janeiro de 2023. Contamos com a presença de toda comunidade para prestigiar as apresentações e, desde já, parabenizamos as/os discentes e suas/seus orientadoras/es e agradecemos pelo esforço dedicado a nosso Programa.

Comissão Organizadora SIP 2022.2 - PPGL/UESC





LINHHA A

LITERATURA E INTERFACES

O estilo disruptivo na *fusion fiction* de Bernardine Evaristo em *Girl, Woman, Other*

Camila de Jesus Silva¹

Prof. Dr. Isaias Francisco de Carvalho – Orientador (UESC)

Apresentação

Ao analisar a carreira literária da escritora anglo-nigeriana Bernardine Evaristo, é perceptível que o trabalho artístico da autora enseja inovações estéticas ou rupturas com as formas e as temáticas hegemonicamente determinadas aos gêneros literários canônicos. Não obstante, na produção de seus romances, Evaristo constrói personagens cujas histórias e enredos denunciam de maneira satírica as violências que sofrem decorrentes das posições subalternizadas que representam. A partir deste contexto, o corpus escolhido para esta pesquisa é o seu romance mais recente, publicado em 2019, intitulado *Girl, Woman, Other* e laureado no mesmo ano com um Booker Prize que marca a primeira vez que uma mulher negra recebe o prêmio. Nessa obra, Evaristo utiliza uma linguagem e uma narratividade disruptivas que denomina “*fusion fiction*” (ficção de fusão), em que opera quebras dos pactos linguísticos de escrita do gênero romance. Portanto, é com esse objeto que investigo a inovação estética formal do discurso romanesco, a qual caracterizo como “estilo disruptivo”, aliada ao tratamento de temáticas e personagens que representam alteridades dissidentes limiares na obra.

O livro em questão trata do protagonismo de doze vozes negras (onze femininas e uma não binária). Algumas são imigrantes das ex-colônias inglesas. Outras, filhas ou mães. Todas, mesmo que descritas com diferentes idades, sexualidades e classes sociais, encontram-se interconectadas no compartilhamento dos seus pontos de vista sobre suas vivências na Inglaterra contemporânea. Numa narrativa que flutua entre diferentes focos narrativos, Evaristo evoca uma atmosfera de coletividade, ao passo que desvenda as diversas facetas e contradições das discussões sobre identidade negra, empoderamento, racismo, gênero e sexualidade no contexto pós-colonial

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail institucional: cjsilva.let@uesc.br.

britânico. Assim, é neste encadeamento que procuro entender a confluência entre a representação dessas personagens de vivências multiculturais híbridas e o projeto estético de uma narrativa literária disruptiva.

Objetivos

Objetivo geral

Caracterizar o projeto estético da escritora anglo-nigeriana Bernardine Evaristo como estilo disruptivo, a partir da análise, majoritariamente no campo dos estudos culturais pós-coloniais, de sua narrativa *Girl, Woman, Other*, em relação às representações de alteridades dissidentes limiares.

Objetivos específicos

- Contextualizar Bernardine Evaristo e sua obra no panorama das literaturas anglófonas contemporâneas, especialmente em relação à escrita de mulheres negras;
- Identificar características do projeto estético do estilo disruptivo presente na literatura de Evaristo (*fusion fiction*), a partir das perspectivas dos estudos culturais pós-coloniais, dos estudos feministas, dos estudos queer e da teoria da literatura;
- Delinear o escopo e acepções do conceito de estilo disruptivo no sentido de inovações estilísticas formais (linguagem/gênero) e de temáticas encontradas nas doze vozes protagonistas que se conectam em *Girl, Woman, Other*.

Justificativa

Estudar a literatura de Bernardine Evaristo é significativo, pois simboliza a escassez de representações literárias reconhecidas e voltadas para a narrativa dos seres subalternizados, outrizados, marginalizados por sua etnia, gênero, classe social e sexualidade. Não porque outras autoras e autores não tentaram (e continuam tentando) fazer essa ruptura com as representações fixadas da branquitude patriarcal, eurocêntrica, falocêntrica e heteronormativa, mas sim porque suas vozes foram (e continuam) fortemente abafadas pelos puristas e tradicionalistas e pelas instituições sociais e políticas que regem ideologicamente os imaginários dominantes no ocidente.

O reconhecimento de Bernardine no Booker Prize agrega a importância da reflexão proposta aqui sobre os impactos dessa escrita inovadora denominada *fusion fiction*, assim como o fato de que a própria autora sofreu silenciamentos operados pelos mecanismos de outrização e subalternização inerentes à sociedade e sistema literários hegemônicos. A representação é também proporcionada pelas múltiplas identidades construídas na narrativa de *Girl, Woman, Other*, pois chamam atenção para a vivência negligenciada de personagens que no livro ganham vozes discursivamente marcadas pela expressão diferenciada da língua.

A construção de um novo cenário no imaginário literário, social e político perpassa pelo constante exercício da alteridade proporcionado exatamente por obras de alcance tais como a de Evaristo. Também é importante ressaltar o fato de que a luta pelo empoderamento de minorias e seu reconhecimento pelo cânone literário é um dos objetivos do PPGL e por isso, num cenário em que os subalternizados seguem em busca de espaços representacionais por meio da linguagem, também compreendo que cabe a nós, pesquisadores da literatura, gerar espaços para discussão e disseminação das alteridades dissidentes marginalizadas pela academia.

Aparato teórico

O que denomino de projeto estético caracterizado por um estilo disruptivo é a construção de uma linguagem que explora o sistema de representações fixado pela hegemonia ocidental e vai de encontro com o projeto neocolonial que gerencia quais textos são dignos de circularem pelo público e mídia *mainstream*. Nesse sentido, artigo percepções dos estudos culturais pós-coloniais (CARVALHO, 2012; GUGELBERGER, 1994) relativas a autores/as como Hall (2003), Bhaba (2013), Fanon (2008), Spivak (2010), Mudimbe (2019) e Kilomba (2019). Também é parte essencial para a compreensão da questão da representação e dos estudos feministas interseccionais e queer as reflexões de hooks (2019), Butler (2019) e Preciado (2014).

Não obstante, um dos aparatos principais para o entendimento do estilo disruptivo de Evaristo é o estudo do foco narrativo e da personagem desenvolvido pelos teóricos e teóricas da literatura que serão empregados na pesquisa, principalmente, Bakhtin (2015, 2017), Friedman (2002), Leite (1987) e Brait (2017). Aqui, fundamentada por autores/as que analisaram esta questão, reflito brevemente

sobre alguns dos efeitos provocados pela escolha da maneira de narrar uma história. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin observa a desintegração do narrador e da narrativa no uso do discurso indireto livre que, em sua análise, é uma estratégia de valor estilístico imenso que representa a forma por excelência do imaginário. É um modelo narrativo utilizado por autores/as que

[...] são capazes de imergir e perder-se completamente no mundo criado por sua imaginação. É também unicamente à imaginação do leitor que o escritor se dirige, quando usa essas formas. O que ele procura, não é relatar um fato qualquer ou um produto do seu pensamento, mas comunicar suas impressões, despertar na alma do leitor imagens e representações vívidas (BAKHTIN, 2017, p. 190).

Nesse sentido, a ficção de fusão de Evaristo se presta exatamente ao objetivo de não só fundir a linguagem em si mesma, mas também a própria consciência do narrador com o objeto narrado. A técnica que a escritora escolhe representa um senso de coletividade fragmentado pelas subjetividades das personagens, ou seja, não há uma busca pela universalidade ou por uma verdade única, mas um reconhecimento da alteridade e da diferença. Se, de acordo com Leite (1987), a escolha da técnica na ficção está intimamente ligada a problemas ideológicos e epistemológicos, então é possível afirmar que a escolha de Evaristo é motivada pela busca de uma forma narrativa que se adaptasse às personagens e temáticas que a autora retratou em *Girl, Woman, Other*.

Nessa conjuntura, avalio que a escrita de Bernardine Evaristo se alinha a ideologia e a epistemologia do pensamento feminista interseccional, do movimento queer e da crítica cultural pós-colonial. Sua literatura corresponde ao que hooks (2019) caracteriza como expressão da subjetividade radical de mulheres negras, pois Evaristo não constrói personagens focadas apenas na construção da identidade ou simplesmente nomeia as condições de opressão e as estratégias pessoais de resistência. A autora vai além e demonstra a crise da identidade e da subjetividade em suas próprias personagens. Assim, o estilo disruptivo em seu romance vai de encontro às evocações de uma ideia essencialista de identidade negra.

Por fim, compreendo que a expressão artística de Evaristo, sua fusion fiction, busca criar um jogo de linguagem por meio do ocultamento da narradora em doze

facetas protagonistas e múltiplas outras consciências que integram a narrativa do romance. São vozes que representam de maneira vívida diversos *selves* em que a “consciência mental é, portanto, dramatizada de maneira direta, em lugar de ser relatada e explicada indiretamente pela voz do narrador, muito da mesma forma que palavras e gestos podem ser dramatizados diretamente (cena) [...]” (FRIEDMAN, 2002, p. 170). Em *Girl, Woman, Other*, as alteridades em cena são impulsionadas pela expressão de uma linguagem fluida e marcada por traços discursivos distintos e para fins estéticos específicos que demonstram o interesse do estilo disruptivo de Evaristo: a produção de uma literatura contemporânea que questiona as bases das noções de representação, identidade e gênero.

Metodologia

Esta pesquisa apresenta um caráter descritivo e bibliográfico que empreende uma abordagem teórico-analítico-crítica do livro *Girl, Woman, Other*, publicado em 2019 pela autora Bernardine Evaristo. Busca analisar o projeto estético do estilo disruptivo característico da escrita da autora em relação à representação das alteridades dissidentes construídas na narrativa.

Discussão

Para fins de uma breve caracterização da discussão proposta pela pesquisa, analiso um trecho história da personagem Amma. É a primeira a ser apresentada no romance e o desenrolar da narrativa leva a crer que há um motivo para isso: é a protagonista que interconecta sua jornada com a de muitas das outras. Ela se identifica como uma mulher lésbica negra e escritora de teatro, na casa dos cinquenta anos de idade. Entre muitos detalhes sobre a sua trajetória de vida, conta como conheceu sua melhor amiga, Dominique, e como concebeu sua filha, Yazz – ambas personagens protagonistas trabalhadas por Evaristo em perspectivas separadas no mesmo capítulo. A sessão de Amma tem como núcleo de tempo principal o dia em que sua peça “*The Last Amazon of Dahomey*” estreia no *National Theatre*. O texto se inicia com Amma bebendo um café e andando pelas ruas de Londres num momento em que reflete sobre sua estreia que acontecerá naquela noite. É a partir deste pensamento que se

desenvolvem diversas reflexões sobre os caminhos que a levaram até o estágio de prestígio e reconhecimento que sua carreira recebe no momento.

São nestas digressões que se estendem grande parte das narrativas dos capítulos em que o foco narrativo, o tempo e o espaço das histórias têm grande plasticidade. Neste excerto da sessão de Amma, a personagem descreve suas emoções sobre ser chamada a apresentar no *National Theatre* após cerca de quarenta anos de atividade nas margens:

Amma then spent decades on the fringe, a renegade lobbing hand grenades at the establishment that excluded her until the mainstream began to absorb what was once radical and she found herself hopeful of joining it which only happened when the first female artistic director assumed the helm of the National three years ago after so long hearing a polite no from her predecessors, she received a phone call just after breakfast one Monday morning when her life stretched empty ahead with only online television dramas to look forward to love the script, must do it, will you also direct it for us? I know it's short notice, but are you free for coffee this week at all? (EVARISTO, 2019, p. 16-17; grafia da autora).

À primeira vista, chama a atenção o trato da linguagem em que Evaristo rompe com o pacto da paragrafação e da pontuação tradicional. A autora somente usa pontos finais nos fins das sessões, além das necessárias interrogações e exclamações. Também é perceptível a flexão entre a narração indireta livre e o fluxo de consciência. Quando afirma, na terceira pessoa, num estilo objetivo, uma opinião factual da narradora (Evaristo) que aparenta ser externa a Amma – “until the mainstream began to absorb what was once radical” –, ainda no mesmo período apresenta uma emoção pessoal que aparenta ser fruto da própria consciência de Amma: “and she found herself hopeful of joining it”. Pouco depois, no final do trecho, em que rememora a ligação em que é convidada a apresentar sua peça, entra a voz da nova diretora do National Theatre e, como no restante do romance, isso é feito sem indicação textual da interlocução. Assim, as falas e as perspectivas se “fundem” umas nas outras.

Esses jogos de linguagem ocorrem em conjunto com o enfoque que Evaristo dá aos temas do romance. A luta por reconhecimento que caracteriza a carreira da personagem escritora ficcional Amma pode ser interpretada como representativa da vivência de grande parte das escritoras negras (Alice Walker, Toni Morrison, Zadie

Smith, Chimamanda Adichie e a própria Evaristo, entre tantas outras) que buscam o alcance que uma grande publicação/premiação simboliza, algo similar a uma estreia no National. Porém, essa condecoração não deixa de também representar a ironia que é perceber esse reconhecimento alinhado à vontade do *mainstream* de absorver o que um dia foi considerado radical – a inclusão de autoras, temas e personagens negras no circuito literário e artístico hegemônico.

Referências

BHAKTIN, Mikhail. *A teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Veronica Daminelle e Daniel Yago Françoli. São Paulo, n-1, 2019.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Contexto, 2017.

CARVALHO, Isaiás Francisco de. *Omeros e Viva o povo brasileiro: outrização produtiva e identidades diaspóricas no Caribe Estendido*. 179 f. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo, n. 53, março/maio 2002, p. 166-82.

GUGELBERGER, Georg M. Postcolonial Cultural Studies. In: *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994. p. 581-584.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019,

LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*, ou, A polêmica em torno da ilusão. São Paulo: Ática, 1987.

MUDIMBE, Valentin-Yves. *A Invenção da África*: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Palavras-chave

Estilo disruptivo. Fusion fiction. Literatura anglófona. Identidades negras. Alteridade.

Obras literárias e suas adaptações cinematográficas nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE)

Fernanda dos Santos Fonseca¹

Prof. Dra. Raquel da Silva Ortega – Orientadora (UESC)

Apresentação

A motivação inicial para o desenvolvimento deste projeto cujo tema é “Obras literárias e suas adaptações cinematográficas nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE)” surgiu em uma aula de Espanhol – durante a graduação em Letras – na qual a professora regente exibiu o filme *La lengua de las mariposas* (1999), que foi dirigido pelo espanhol José Luis Cuerda. Após a exibição e já no encerramento da classe, ela informou que tal obra era uma adaptação cinematográfica baseada em três contos do autor – também espanhol – Manuel Rivas. Esta informação causou uma intensa curiosidade nos alunos presentes, que buscaram imediatamente os contos para realizar a leitura: alguns por vontade de entender a inspiração, outros pela vontade de comparar as duas obras.

Independentemente do motivo pessoal que tenha levado os estudantes a buscarem a obra inicial, aquele momento evidenciou algo que despertou muitos questionamentos internos. O fato: uma adaptação cinematográfica levou mais de vinte estudantes a buscarem uma obra literária e realizarem sua leitura. Os questionamentos: os filmes baseados em livros sempre levarão os espectadores a tornarem-se leitores? Há possibilidade de ocorrer o movimento inverso, ou seja, o livro levar a uma busca pelo filme? Há uma obra melhor que outra? Quais as especificidades de cada uma e como as qualidades de ambas são potencializadas ao estarem em diálogo?

Nessa perspectiva, considerando que refletir sobre o diálogo entre esses dois sistemas semióticos pode trazer mais respostas que subsidiem o trabalho pedagógico, o projeto científico atual insere-se na linha “A” Literatura e Interfaces do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e busca responder às mencionadas questões.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (Linha A: literatura e interfaces). Bolsista da Fundação CAPES. E-mail institucional: fsfonseca.let@uesc.br.

Objetivos

Objetivo geral

Elaborar propostas de sequências didáticas para aulas de Espanhol utilizando o diálogo entre as obras literárias *La pregunta de sus ojos* (2005) e *La noche de la usina* (2013) do escritor argentino Eduardo Sancheri e suas respectivas adaptações cinematográficas *El secreto de sus ojos* (2009) e *La odisea de los giles* (2019) dirigidas por Juan José Campanella e Sebastián Borensztein, também argentinos.

Objetivos específicos

- Investigar o diálogo estabelecido entre os filmes *El secreto de sus ojos* (2009) e *La odisea de los giles* (2019) e as obras literárias que os inspiraram;
- Indicar as potencialidades dos filmes e romances referidos para o ensino-aprendizado de ELE numa perspectiva intercultural;
- Compreender melhor o contexto cultural argentino contemporâneo a partir de leituras de cunho historiográfico.

Justificativa

O diálogo entre literatura e cinema pode contribuir para o melhoramento do ensino de ELE, porque oferece aos professores e, principalmente aos alunos, a possibilidade de estarem em contato com uma vertente da cultura hispânica através de duas linguagens úteis à compreensão de fenômenos linguísticos e culturais contemporâneos. Ambos os meios de comunicação/interação, juntos, auxiliam no desenvolvimento do pensamento crítico, além de viabilizarem o contato com os modos de vida de outros países, o que favorece um ensino/aprendizado intercultural. Esta investigação poderá contribuir, portanto, para uma formação didática dos professores de Línguas Estrangeiras, que lhes possibilite trabalhar com recursos fílmicos e literatura sem que o primeiro seja visto apenas como mera ferramenta lúdica e a segunda seja vista como “complexa” com relação a ele.

Aparato teórico

Muitos investigadores do âmbito educacional buscam solucionar o problema do menosprezo à literatura na contemporaneidade. Para exemplificar, é válido citar as obras “Cultura Letrada: literatura e leitura” (2006) da autora Márcia Abreu, “Letramento Literário: teoria e prática” (2022) do autor Rildo Cosson e “Literatura: ontem, hoje, amanhã” (2018), de Marisa Lajolo: elas discorrem sobre como a leitura literária pode ser vista como enfadonha pelos estudantes do ensino secundário e refletem sobre estratégias para suscitar mudanças no cenário escolar e fora dele.

Em geral, estes pesquisadores concordam com o fato de que, apesar de o mercado editorial estar mais aberto às publicações de novos autores, o número de leitores literários reduziu de modo significativo. Como afirma Milreu (2018, p. 85): “[...] ironicamente, em plena época da chamada democratização da leitura e da escrita, a leitura literária não é suficientemente incentivada”.

A leitura literária se distingue dos demais tipos de decodificação de textos por seu potencial de despertar o imaginário, desenvolver o senso crítico de seu público e, principalmente, por sua capacidade de proporcionar aos leitores uma experiência estética. Além disso, o acesso a ela é, mais que uma possibilidade, um direito, como afirma Candido (2011, p. 177): “a literatura concebida no sentido amplo [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”.

Entretanto, conforme Rildo Cosson, o ensino de literatura está permeado por diversos paradigmas que precisam ser compreendidos pelos professores para que estes – a partir desse entendimento mais amplo e crítico – estejam preparados para elaborar propostas didáticas coerentes:

Uma leitura mais extensiva dos paradigmas do ensino de literatura precisa responder, em primeiro lugar, ao que se entende por literatura em cada paradigma, pois a (1) concepção de literatura não só muda de paradigma para paradigma, como também é determinante para a compreensão de diversos elementos (2020, p. 10, grifo do autor).

Levando-se em consideração que estudar a literatura pode ser considerado complexo para aqueles que se distanciaram (ou que nunca se aproximaram) dela, estudá-la em diálogo com outra arte considerada mais acessível pode ser uma estratégia pedagógica sensata. Tratando especificamente dessa pesquisa, é válido

salientar que não se fará uso do cinema como “coadjuvante” para uma classe de literatura hispânica, mas sim salientando que ambas as artes possuem especificidades necessárias para o processo de ensino aprendizagem e, estando em diálogo, podem potencializar o resultado deste ensino.

Ainda sobre o diálogo entre ambas as artes, observa-se que, por um lado, a literatura é “temida” por sua complexidade, e por outro, o cinema acaba por ser menosprezado ao ser considerado como mero recurso de distração, como afirma García (2001, p. 701):

Nos encontramos ante un modelo nuevo, injustamente menospreciado por su supuesta incapacidad de alcanzar un estatuto cultural similar al de la literatura, debido, principalmente, a su carácter de espectáculo de masas, lo que produciría una inevitable degradación de la obra literaria. Sin embargo, críticos de la talla de André Bazin consideran que es precisamente este carácter masivo de la obra cinematográfica lo que constituye su principal ventaja para divulgar los productos culturales literarios.

Tais problemáticas reforçam a necessidade de preparar os professores para que consigam elaborar sequências didáticas que unam obras literárias com suas adaptações cinematográficas de modo a valorizar aspectos particulares e conjuntos, sem que um dos sistemas semióticos seja supervalorizado em detrimento do outro. Quiroga ressalta que:

[...] não se pode utilizar a linguagem cinematográfica como mero substituto à linguagem literária, mas que há de se saber fazer bom uso das duas formas, em conjunto, aproveitando as diferenças entre elas e a curiosidade que geram uma a respeito da outra, trazendo à tona reflexões e discussões. Cabe, portanto, ao professor atuar como um mediador, que conduza o estudo de ambas da forma mais proveitosa possível, de maneira que o jovem seja capaz de apreender (2010, p. 80).

Uma aula que contenha o diálogo entre literatura e cinema pode ampliar os conhecimentos culturais e interculturais. Considera-se aqui a necessidade que os alunos têm de estarem imersos em aulas que lhes ensinem algo além dos fenômenos linguísticos, pois apesar de eles serem essenciais, para que os aprendizes consigam

responder às situações reais de uso de outros idiomas, manter contato com aspectos culturais possui uma importância inegável.

Por esta razão, é necessário apresentá-los a obras (literárias e filmicas) que desenvolvam a criticidade e expandam o conhecimento de mundo, para que possam responder ativamente às questões pessoais, políticas e sociais que surgirem. Essas e outras questões de extrema relevância poderão ser discutidas através do uso de obras filmicas que levem os estudantes a buscarem obras literárias para visitar realidades diversas.

Ainda sobre o potencial crítico da literatura, Clímaco e Ortega enfatizam que:

Mais enriquecedor, mais produtivo, no processo de educação e formação do cidadão crítico seria considerar a literatura de modo global, verificando o modo como apresenta outras realidades, outros mundos e histórias. Isso permitiria desenvolver a visão de mundo do leitor, seu senso crítico e ampliar sua capacidade imaginativa, o que impulsiona as transformações (2018, p. 116).

E a experiência estética de Todorov confirma:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. [...] em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las (2009, p. 16; 23).

O encontro entre o cinema e a literatura aconteceu há mais de um século, desde então, a cinematografia permeia o cotidiano pessoal ou escolar de alguns indivíduos. “O cinema em busca de narrativas se depara com a literatura. As palavras acionam os sentidos e se transformam em imagens na mente do leitor. O cinema, por sua vez, abriga imagens em movimento que serão decodificadas pelo expectador por meio de palavras” (PEREIRA, 2009, p. 45).

A literatura e o cinema são artes que possuem potencialidades individuais que, quando postas em diálogo, podem contribuir para um ensino mais abrangente e motivador:

As diferenças entre textos literários e filmes neles apoiados são marcadas pelas historicidades específicas de cada linguagem: nenhum

filme “repete” uma obra literária, nenhuma obra literária “repete” um filme [...] A literatura trabalha, quase sempre, com a palavra escrita como recurso único de elaboração [...] e o cinema parte da imagem em movimento para incluir palavras, desde sua preparação até aos diálogos entre personagens ou às vozes narrativas nele presentes, mais outros sons – música, ambiente etc. (SILVA, 2007, p. 17-18).

Evidencia-se, assim, a importância de pesquisas que explorem a tradução intersemiótica presente neste encontro, bem como suas nuances, tendo como objetivo propor novas estratégias para as aulas de literatura, especificamente no âmbito do ensino de Espanhol.

Metodologia

A presente pesquisa terá aspecto bibliográfico e será de cunho qualitativo com caráter argumentativo-exploratório. Para a realização da mesma serão utilizados recursos teóricos, tais como leitura, reflexão e discussão baseadas em textos científicos que contemplem o corpus em questão. Além disso, serão analisados os romances *La pregunta de sus ojos* (2005) e *La noche de la usina* (2013), do escritor argentino Eduardo Sacheri, e suas respectivas adaptações cinematográficas *El secreto de sus ojos* (2009) e *La odisea de los giles* (2019), dirigidas por Juan José Campanella e Sebastián Borensztein, que também são argentinos. Tal análise será realizada para verificar de que maneira se desenvolve a tradução intersemiótica nas obras e de que modo o diálogo existente entre ambas pode ser inserido na sala de aula. Ao final, serão elaboradas propostas de sequências didáticas que as utilizem na classe de Espanhol.

Discussão

A literatura e o cinema são artes que possuem potencialidades individuais que, quando postas em diálogo, podem contribuir para um ensino mais abrangente e motivador. Com foco no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira, o uso de obras literárias e suas adaptações cinematográficas para a elaboração e a aplicação de sequências didáticas favorece um aprendizado intercultural e contribui para a formação de um público leitor.

A presente pesquisa poderá propiciar o entendimento das especificidades de cada sistema semiótico, bem como dos seus objetivos, para permitir que os docentes

e discentes consigam usufruir dos benefícios das linguagens, tanto separadamente quanto em conjunto, refletindo sobre ambas de maneiras mais críticas.

Espera-se que os resultados desta investigação fomentem novas discussões a respeito dos objetos estudados, levando-se em consideração que a falta de pesquisas sobre tais temas pode ter como consequências escassos debates e/ou limitadas abordagens a respeito de como melhorar o ensino de espanhol através da literatura em contato com outras artes.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006;

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro, 2011;

CLÍMACO, Adriana Ortega; ORTEGA, Raquel da Silva. *Literatura é arte: dimensão estética ocultada no ensino*. In: *Ensino de Literaturas Hispânicas: reflexões, propostas e relatos*. Campina Grande: EDUFPG, 2018;

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2022;

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.

EL SECRETO de sus ojos. Direção de Juan José Campanella. Argentina: Coproducción Argentina-España, 2009. (129 min.).

GARCÍA, Guillermo López. *¿Un amor imposible? Las complejas relaciones entre cine y literatura*. Universitat de València. Logroño, p. 700-711, 2001.

LA ODISEA de los giles. Direção de Sebastián Borensztein. Argentina: Coproducción Argentina-España, 2019. (116 min.).

LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MILREU, Isis. *O ensino de literaturas hispânicas na contemporaneidade: desafios e perspectivas*. In: *Ensino de Literaturas Hispânicas: reflexões, propostas e relatos*. Campina Grande: EDUFPG, 2018.

PEREIRA, Olga Arantes. *Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos*. *Kalíope*, n. 10, p. 70-79, 2009.

QUIROGA, Valeria Verónica. *Ensino-aprendizagem de língua espanhola e cinema: assistindo a filmes sob uma ótica intercultural*. Paraná: UNIOESTE, 2010.

SACHERI, Eduardo. *La noche de la usina*. Argentina: Alfaguara, 2013.

SACHERI, Eduardo. *La pregunta de sus ojos*. Argentina: Debolsillo, 2005.

SILVA, Marcos. *Literatura e Cinema: apresentação*. In: BRITO, José Domingos de (org.). *Literatura e Cinema*. São Paulo: Novera Editora, 2007. p.17-20.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Palavras-chave

Literatura. Cinema. Língua Espanhola.

*no peito sul do hemisfério aberto: epistemologias dissidentes em lundu, da tatiana nascimento*¹

matheus messias santos²

prof. dr. alexandre de oliveira fernandes – orientador (uesc)

apresentação

a discussão sobre epistemologia culturalmente esteve alijada à manutenção de pensamentos abissais (souza, 2010), a partir dos processos de dominação colonial do ocidente em relação aos demais hemisférios do globo. nesse sentido, epistemologia, por muito tempo, foi compreendida unicamente sob os parâmetros hegemônicos das ciências ocidentais, ao tempo em que modelos dissidentes de se produzir conhecimento foram interditados. aqui, entretanto, me interessa situar a literatura e a poesia como potências epistemológicas não-canônicas. nesta coordenada, situo a artista palavreira brasiliense tatiana nascimento, responsável por elaborar uma poética dissidente, *cuírlombista* (nascimento, 2019), negra e lgbtqi+, para investigar, em sua produção, especialmente na antologia *lundu* (2017), como ela produz epistemologias, quais são essas epistemologias e como elas aparecem nos poemas.

tatiana nascimento utiliza em sua poesia uma diversidade de termos e expressões de culturas afro-indígenas, a exemplo do título da obra investigada. o termo *lundu* surge ainda no período colonial como uma tradição musical advinda de países de áfrica (lima, 2010). inclusive, o *lundu* é apontado pelo pesquisador josé ramos tinhorão (2012) como um dos primeiros passos do *candomblé*, uma espécie de prelúdio do culto, visto que “o requebrar das ancas, [...] elemento que participa da coreografia do *lundu*, juntamente com um movimento circular dos quadris, tem origem nas culturas negras trazidas para a colônia brasileira” (lima, 2010, p. 208). nessa relação, que envolve música e ritual, o *lundu* se solidifica como um canto de dança e de amor (lima, 2010). e para promover essa dança palavreira, tatiana nascimento se

¹ manterei o nome da tatiana nascimento sempre em minúsculas, assim como todos os termos que se referem direta ou indiretamente à sua produção artístico-epistemológica, visto que a autora se utiliza da estratégia política de sobrepor as minúsculas para não hierarquizar nomes, saberes e conceitos. nesse sentido, tomei a decisão de seguir neste mesmo fluxo e escrever não apenas o projeto, mas como todo o texto da dissertação, também em minúsculas.

² e-mail: matheus.messiasantos@gmail.com. bolsista da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (capes).

debruça em temas como religiosidades, amor preto e natureza para firmar a sua poesia enquanto produção epistemológica.

objetivos

objetivo geral

investigar de que maneira a poesia de tatiana nascimento produz epistemologia, a partir da análise da antologia *lundu* (2017).

objetivos específicos

- discutir a ideia tradicional de epistemologia a partir das *epistemologias do sul*, de boaventura dos santos (2010);
- abordar as epistemologias negro-sexual dissidentes, com foco no *cuírlombismo literário*;
- analisar marcas de transgressão, *transbordamento* e *cuírlombismo* nos poemas do *lundu* (2017).

justificativa

as obras e autores que vão compor o cânone literário brasileiro estão relacionados a um sistema literário tradicional, que se baseia nas relações de poder para privilegiar os interesses de grupos hegemônicos. entretanto, ao ser institucionalizado, esse sistema corrobora com o silenciamento de autoras e autores que integram grupos dissidentes, e que são destituídos de notoriedade. nesta coordenada, destaca-se a pertinência de se pesquisar uma obra lançada por uma editora independente, autônoma e com produção artesanal, que prioriza a publicação de mulheres negras e lgbqia+, organizada pela própria tatiana nascimento. a padê editorial³ surge como uma contraproposta aos ditames da indústria editorial brasileira, que ainda é regida majoritariamente por homens brancos e cisheteronormativos. portanto, a tatiana nascimento e todo o time da padê integram um grupo cada vez mais potente, e que não se rende aos desdobramentos classistas, racistas e sexistas da indústria editorial. por este viés, ao considerar a relevância e a qualidade da produção

³ disponível em: <https://www.instagram.com/pade.editorial/>

de tatiana nascimento, reafirmo que este projeto investigará uma literatura que é socialmente marginalizada, bem como pouco reconhecida e explorada na fortuna crítica.

a literatura produzida por mulheres lésbicas traça uma luta contra a invisibilidade e contra a misoginia, sobretudo quando se considera o histórico das representatividades de geografias lésbicas (polesso, 2018) na literatura brasileira. de acordo com a pesquisadora natalia borges polesso (2018):

a falta de representatividade no campo literário e a questão da autodeclaração da lesbianidade, no que diz respeito à autoria, são entraves que acabam por criar uma espécie de rede de abordagem específica a essa problemática emergente. rede que se aproxima de ações de afirmação como tática de validação no campo (polesso, 2018, p. 4).

dessa forma, investigar a produção literária de uma mulher negra e lésbica significa dedicar atenção a uma produção artístico-epistemológica com grande potencial para auxiliar na elaboração de críticas às relações de poder e representações nos cânones literários, de modo político e simbólico, já que as produções de sujeitos da dissidência assumem as rédeas da nova literatura brasileira contemporânea (silva, 2017). logo, “o indivíduo negro, assim como a negra, deixam de figurar como objetos presentes nas obras artísticas e em trabalhos acadêmicos de autoria branca, para se posicionarem como agentes, quer dizer, sujeitos de posse do texto sobre si mesmos” (silva, 2017, p. 61).

neste espectro, ao investigar uma obra como o *lundu* (2017), o que se quer é pesquisar e produzir uma epistemologia empretecida, estabelecendo diálogos entre a obra estudada e trajetórias, narrativas e metodologias negro-sexual dissidentes, compreendendo-as como possibilidades para se fundamentar uma ética e uma estética alternativas às desenvolvidas pelas hegemonias ocidentais.

aparato teórico

a partir da segunda metade do século xx, com os estudos de derrida, a literatura começa a ser pensada através dos aparatos da desconstrução, que vai situá-la no lugar de uma ficção que é instituída, mas também de uma instituição fictícia, a qual pode, em primeira instância, dizer tudo (derrida, 2014). entretanto, é importante destacar,

que, “para derrida, [...] o problema não é tanto dizer o que uma obra literária é, mas analisar o sentido daquilo que se acredita ou se afirma ser literatura” (siscar, 2013, p. 31). nesse sentido, na desconstrução, questiona-se a verdade dada em si mesma, bem como desconstrói-se o que seria ou viria a ser compreendido enquanto literatura, uma vez que “o conceito de literatura, definido tradicionalmente pela ideia de desvio imitativo, funcionaria no fundo como uma estratégia do discurso filosófico para legitimar-se e garantir sua especificidade como discurso neutro” (siscar, 2013, p.21). assim, a tradição filosófica colocou a escrita estritamente num lugar de mera representação/simulacro/falsidade.

é notório que a tradição filosófica fundou o conceito do que conhecemos por “verdadeiro conhecimento”. entretanto, o pensamento derridiano não está aliado aos sistemas engendrados da *verdade* e busca se atentar às minúcias que *transbordam* da escrita. em seu texto *a lei do gênero* (2019) derrida destaca que sempre haverá uma contralei, ou a lei da impureza, que poderá contaminar o que está conceitualmente estabelecido como *verdade* acerca de um gênero literário. sobre a lei do gênero, derrida (2019) diz:

se um gênero existe (vamos usar o romance, visto que ninguém parece contestar sua qualidade de gênero), um código deve fornecer um traço identificável e portanto idêntico a ele mesmo que autorize um texto a pertencer ou não a um determinado gênero, ou que acentue determinado gênero (derrida, 2019, p. 260-261).

tal levantamento me possibilita questionar sobre o fato de a tatiana nascimento estar ou não *misturando os gêneros* nos poemas do *lundu* (2017), visto que a autora se aventura em formas não tão comuns para o gênero “poema”, como, por exemplo, ao subverter formas e misturar prosa e lírica num mesmo texto. neste espectro, a produção literária de tatiana nascimento pode percorrer na esteira de uma produção epistemológica sul global, levando em consideração as elaborações do pesquisador boaventura dos santos (2010), que propõe rupturas com a sobreposição do pensamento ocidental moderno em relação aos pensamentos não-ocidentais.

santos (2010) discorre sobre o fato de o pensamento moderno ocidental estar assentado numa linha abissal. isso significa que há uma relação de dominação colonial entre o pensamento moderno ocidental e as formas não-ocidentais de se produzir epistemologia e de se pensar “o que é” ciência. a linha abissal trabalha a partir da

dicotomia do verdadeiro/falso, através da ideia de dois universos distintos: “deste lado da linha” e “do outro lado da linha” (santos, 2010, p. 24), que se torna inexistente, visto que “a característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha” (santos, 2010, p. 24). nesse sentido, ao tempo em que a hegemonia do pensamento moderno ocidental se firma, epistemologias do sul (santos, 2010) ainda são postas como ininteligíveis, sobretudo por se utilizarem de propostas contra-hegemônicas.

é comum que a noção de epistemologia esteja associada às teorias do conhecimento e à filosofia. de acordo com a pesquisadora valéria giannella (2015), os filósofos se detiveram a normatizar a epistemologia como sendo os critérios e regras essenciais para a produção do verdadeiro conhecimento. no entanto, a emergência de uma epistemologia para não-filósofos possibilita pensar a produção epistemológica de sujeitos dissidentes e não apenas daqueles que cumpram com a cartilha da tradição ocidental (giannella, 2015). afinal, produzir epistemologia está para além de uma sistematização científica, e pode deslocar a linha abissal e a hegemonia do pensamento moderno ocidental como único saber válido (santos, 2010), legitimando outras formas de se pensar e produzir conhecimento através das epistemologias do sul (santos, 2010) e de tudo o que *transborda* as normas e as leis do gênero (derrida, 2019) na produção literária de sujeitos dissidentes.

metodologia

neste projeto, busco executar uma pesquisa bibliográfico-qualitativa, através de raciocínio interpretativo, em que a observação será direcionada à obra em análise ancorada por uma submetodologia de pesquisa indisciplinada (mombaça, 2016), no intuito de atingir o meu objetivo geral. desse modo, os procedimentos metodológicos que serão utilizados se basearão, fundamentalmente, em momentos constituídos por leituras, interpretações, análises e investigações de textos literários, teóricos e não teóricos, assegurados, como afirma mombaça (2016):

por uma submetodologia. que vasculhe indisciplinarmente as sombras e os subterrâneos da produção teórica, hackeando os tímpanos da escuta científica para fazer passar, por eles, ruídos até então ignorados; e privilegie autorias não autorizadas, visibilizando contextos

de disputas em torno das questões sobre quem e como falar (mombaça, 2016, p. 345).

a partir desse “contrabando teórico” (mombaça, 2016, p. 345), pretendo me utilizar de formas que subvertam a ordem tradicional para fundamentar a dissertação. formas que comumente são deixadas de escanteio por serem deslizantes, escorregadias e derrapantes aos olhos da organização hegemônica do saber. *sites*, *blogs*, vídeos no *youtube* e outras plataformas não-canônicas, habitantes dos subterfúgios da *internet*, também servirão como fontes bibliográficas para argumentar, durante a análise, sobre as epistemologias que compõem os poemas do *lundu* (2017).

discussão

em *lundu* (2017), tatiana nascimento promove o exuzilhamento (silva, 2010) ao privilegiar temas como cura, terapias ancestrais, religiões afro-indígenas e amor preto. desse modo, é notável que a poeta descentraliza as epistemologias cunhadas pelo pensamento moderno ocidental, tidas como universais, ao trazer para sua poesia elementos linguísticos afrodiáspóricos⁴, associados especificamente às religiões de matriz africana, como nos seguintes versos, do poema *diz/faço* (2017): “Laroyê,/ midádicumê?/ chuta não/ que eh macumba/ eh o quê? enfeite?/ eh seita? aceite:/ neh enredo não/ neh folclore não/ nem eh possessão,/ eh religião” (nascimento, 2017, p. 43).

em diversos poemas do *lundu* (2017) a poeta promove, a partir de uma escrita corrosiva, uma espécie de *ebó* literário, um processo de cura a partir de diretrizes afro-brasileiras, quase sempre fadadas à demonização e ao erro. assim, ela oferece a sua própria poesia como alternativa terapêutica à dor, como saída para retornar a si mesma e reconquistar o seu próprio amor através do *axé*: “alimenta de um tanto minhas fundura.../ quebranto... quizila? banzo./ quelê / acalanto / roncó/ irê:/ Orí forte > plexo convexo >/ Ofá rumo:/ sorte/ calmaria tecnologia ancestral/ y força/ axé/ princípio vital fim y meio,/ é força” (nascimento, 2017, p. 44).

todas essas questões perpassam pelo *lugar* do qual a tatiana nascimento fala, bem como pelos aspectos culturais que circundam a sua realidade e vivência enquanto

⁴ concepção contra-hegemônica que busca evidenciar as estéticas, experiências e produções dos afrodescendentes na diáspora, atribuindo conceitos elementares das ancestralidades do continente africano à contemporaneidade.

mulher, negra e lésbica, isto é, enquanto uma sujeita negro-sexual dissidente. portanto, a produção artístico-epistemológica de tatiana nascimento pode ser situada num lugar que corrói os ditames elaborados pela tradição ocidental, ao transmutar a experiência à palavra, isto é, quando as vivências negras e lésbicas são transpostas à escrita e transcendem os interditos discursivos institucionais para expor as subjetividades ora elaboradas a partir de experiências de violência, ora a partir da emancipação e rupturas com as reverberações de uma cultura colonial.

referências

derrida, jacques. *a lei do gênero*. revista tempo, espaço, linguagem (tel), [s.l.], v. 10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019.

derrida, jacques. *essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com jacques derrida*. belo horizonte: editora ufmg, 2014.

giannella, v. *epistemoloque? epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem*. em: terceiro incluído v.5, n.1, jan./jun., 2015, p. 339-354, artigo 95. dossiê ecotransd: ecologia dos saberes e transdisciplinaridade.

lima, edilson v. “o enigma do lundu”. revista brasileira de música, universidade federal do rio de janeiro, v. 23, n. 2, p. 207-248, 2010.

mombaça, jota. *rastros de uma submetodologia indisciplinada*. revista concinnitas, rio de janeiro, ano 17, v. 01, n. 28, set. 2016.

nascimento, tatiana. *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor*. série pandemia. n-1 edições. outubro de 2019.

nascimento, tatiana. *lundu*. brasília: padê editorial, 2017.

polesso, natalia borges (2018). *geografias lésbicas: literatura e gênero*. revista criação & crítica, n. 20, p. 3-19.

santos, boaventura souza & meneses, maria paula (orgs.) (2010). *epistemologias do sul*. são paulo: cortez.

silva, fabiana carneiro da. *por uma fala: o negro corpo do discurso*. opiniões. são paulo, n. 10, p. 58-70, jun. 2017.

siscar, marcos. *jacques derrida: literatura, política, tradução*. campinas: autores associados, 2013.

palavras-chave

epistemologias negro-sexual dissidentes. *cuírlombismo* literário. epistemologias do sul.
poesia negra lgbtqia+.

O insólito e o terror como ferramentas de denúncias na literatura de Mariana Enríquez

Natália Leão Lima¹

Profa. Dra. Raquel Silva Ortega – Orientadora (UESC)

Apresentação

Los peligros de fumar en la cama (2009) e *As coisas que perdemos no fogo* (2017), de Mariana Enríquez, são duas coletâneas marcadas por personagens femininas. Dos vinte e quatro contos que compõem os dois livros, vinte e três deles têm uma mulher como protagonista, sendo na maioria das vezes uma mulher transgressora, corajosa e intimidadora. A linguagem objetiva e direta da autora se contrapõe ao mistério que suas personagens e histórias apresentam, pois há nos contos uma atmosfera macabra, permeada pela presença de elementos insólitos.

Nesta pesquisa, propomos um estudo centrado nas diversas formas de violência que envolvem às personagens femininas de Mariana Enríquez, considerando como o insólito e o terror formam uma representação crítica do horror social que atinge às mulheres. Para tanto, temos como objeto de análise as narrativas *Chicos que faltan*, *El desentierro de la angelita* e *La virgen de la Tosquera*, presentes no livro *Los peligros de fumar en la cama* (2009), e *O menino sujo*, *Sob a água negra* e *As coisas que perdemos no fogo*, presentes no livro *As coisas que perdemos no fogo* (2017).

Nossa problematização está delineada pelas seguintes questões de pesquisa: Quais são as estratégias narrativas buscadas por Mariana, a partir do insólito e do terror, para abordar a realidade vivida pelas mulheres? A quais contextos sócio-históricos essas narrativas aludem? De que forma o insólito e o terror são utilizados nesses contos e representam o horror social que atinge às personagens femininas? Quais tipos de violência emergem dos contos analisados? Em busca de responder a tais questões, realiza-se um estudo de cunho essencialmente qualitativo e bibliográfico, tendo como aporte teórico os estudos da literatura e da cultura, em perspectiva interseccional, dado o entrecruzamento das discussões sobre gênero e classe social. Buscamos evidenciar, nesse sentido, temáticas contemporâneas que

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Bolsista CAPES – nllima1@uesc.br

permeiam a literatura de Enríquez e evidenciam problemáticas da sociedade, envolvendo às mulheres em contextos de violência e de horror social.

Objetivos

Objetivo geral

Discutir o insólito e o terror como elementos de denúncia sobre a condição feminina na Argentina, em viés interseccional, nos contos *Chicos que faltan*, *El desentierro de la angelita*, *La virgen de la Tosquera*, publicados em 2009, e *O menino sujo*, *Sob a água negra* e *As coisas que perdemos no fogo*, com publicação em 2017, de Mariana Enríquez.

Objetivos específicos

- Delinear traços da literatura argentina contemporânea de autoria feminina, a partir da escrita de Mariana Enríquez;
- Discutir o insólito e o terror como elementos de denúncia social sobre a realidade que envolve às personagens femininas na literatura de Enríquez;
- Analisar os contos *Chicos que faltan*, *El desentierro de la angelita*, *La virgen de la Tosquera*, *O menino sujo*, *Sob a água negra* e *As coisas que perdemos no fogo*, de Mariana Enríquez, tendo em vista uma abordagem interseccional, considerando os contextos sócio-históricos aos quais as narrativas se referem;
- Apresentar as críticas sociais que a autora levanta através de suas narrativas, pelo viés do insólito e do terror acerca do horror social imposto às mulheres.

Justificativa

Nascida em 1973, no subúrbio de Buenos Aires, a autora e jornalista argentina Mariana Enríquez tem oito livros publicados e se tornou a primeira mulher a receber o prêmio Herralde, em 2019 – uma das mais importantes premiações de língua espanhola no mundo. Acolhida pela crítica e de maneira geral também pelos leitores, Mariana tem dois de seus livros publicados no Brasil: *As coisas que perdemos no fogo* (2017) e *Este é o mar* (2009), ambos pela Instrínseca. A autora possui relevância no cenário argentino literário, bem como tem conquistado outros territórios com sua literatura, com traduções em mais de 20 países.

As narrativas escolhidas suscitam, dentre outros temas, possibilidades de correlação com o contexto sócio-histórico da Argentina. Observamos também que o estudo pode contribuir para a publicização e popularização das narrativas de Enríquez no Brasil, bem como suscitar discussões urgentes e necessárias acerca da condição aterrorizante ainda imposta às mulheres, na América do Sul. Justifica este projeto, igualmente, a oportunidade de estudar o insólito na literatura de Enríquez e o terror enquanto gênero textual, como representações do horror social, no que tange às personagens femininas, considerando a incipiente produção acadêmica brasileira em torno do tema, quando se trata da literatura dessa autora argentina. Contribuímos, assim, com uma lacuna teórica atual, além de, a partir dos nossos estudos, em diálogo com as abordagens realizadas pela Linha A – Literaturas e Interfaces, do PPGL-UESC, visibilizarmos temáticas urgentes e caras às questões de gênero e sociedade.

Aparato teórico

A partir do tema o insólito e o terror como elementos de denúncia sobre o horror social que envolve às mulheres, propomos uma abordagem pautada nos estudos relacionados à literatura fantástica, ao insólito e ao terror. Para a análise pretendida, nos baseamos na interseccionalidade, considerando o entrecruzamento das discussões concernentes a gênero, classe e violência.

Todorov (2016), ao discutir sobre narrativas fantásticas, refere-se à modalidade do fantástico como sendo o espaço das incertezas, das dúvidas na narrativa, mas que parte de situações aparentemente cotidianas. Para o autor, o fantástico é compreendido como “[...] a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 2016, p. 148). Essa hesitação, entretanto, exige uma inter-relação necessária com o leitor, o que vai depender da identificação deste com a narrativa.

Para Todorov (2016), é a hesitação que sustenta o fantástico, aproximando-o, pelo desenrolar da narrativa, do maravilhoso e do estranho. Em se tratando da literatura de Mariana Henríquez, o fantástico se entrecruza ao terror, partindo ambos da realidade social da Argentina. De acordo com Rioseco (2020, p. 86), a escrita de Enríquez “[...] hace del terror una marca personal y lo hace nada menos que en el país donde se inventó la literatura fantástica. O, al menos, la que

identificamos con la tradición de la literatura fantástica del Río de la Plata.” Já para Gutiérrez,

Contrario a la idea extendida de que en América Latina la literatura de terror es muy limitada, se pueden encontrar múltiples manifestaciones del género a lo largo de todo el continente, incluso en algunos de los escritores latinoamericanos más célebres. Cuentos como ‘La puerta condenada’ de Julio Cortázar, [...] forman parte de la larga tradición hispanoamericana del terror y del ‘cuento de miedo’. Sin embargo, pocos autores se han insertado en esta tradición con tanto entusiasmo –y habilidad – como Mariana Enríquez, que con solo dos libros de cuentos publicados ha logrado consolidarse como una de las máximas exponentes de la literatura argentina de terror y latinoamericana contemporánea (GUTIÉRREZ, 2019, p. 1).

Em sua análise, Gutiérrez (2019) defende que a literatura de Enríquez desenvolve como tema e estratégia narrativa o terror social, aliado à realidade da Argentina. Vislumbramos, nesse sentido, que o texto de Enríquez possibilita uma abordagem pautada na interseccionalidade, tendo como foco, sobretudo, temas que discutem o horror social imposto às mulheres, como feminicídio, violência, tortura, desaparecimento, dentre outros.

Comprendemos, dessa forma, a interseccionalidade como uma “[...] perspectiva teórica y metodológica que busca dar cuenta de la percepción cruzada o imbricada de las relaciones de poder.”, conforme define Viveros Vigoya (2016, p. 2). Para a autora, “Los análisis interseccionales permiten y propician una reflexión permanente sobre la tendencia que tiene cualquier discurso emancipador a adoptar una posición hegemónica y a engendrar siempre un campo de saber-poder que comporta exclusiones y cosas no dichas o disimuladas.” (VIVEROS VIGOYA, 2016, p. 14). Entendemos, desse modo, que, de modo interseccional, a partir do insólito e do terror, suscitando o medo e o estranhamento, Mariana Enríquez apresenta uma literatura em suspenso – da hesitação ao medo, da identificação ao horror. Suas personagens, precipuamente, denunciam práticas de violência, exclusão e marginalidade que, dentro e fora dos textos literários, continuam a acontecer na sociedade e precisam ser discutidos, bem como denunciados e combatidos.

Propomos a realização de um estudo de cunho teórico, pautado em revisão bibliográfica e análise literária. Para tanto, temos como objeto de análise as narrativas *Chicos que faltan*, *El desentierro de la angelita*, *La virgen de la Tosquera*, *O menino sujo*, *Sob a água negra* e *As coisas que perdemos no fogo*, publicados em duas coletâneas de Mariana Enríquez (2009; 2017). O embasamento teórico desta proposta está nos estudos de literatura e cultura, a partir de uma discussão interseccional, uma vez que estabelece um diálogo com questões de gênero e classe social.

Entendemos que a metodologia do presente estudo se dá por meio de uma abordagem qualitativa. Lakatos e Marconi (2017, p. 42) destacam que “[...] a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]”. Para as autoras, o uso de tais fontes tem como objetivo aproximar o pesquisador do universo do tema em questão, a fim de que, com base na pesquisa realizada, seja possível que ele acrescente ao tema suas ideias e observações.

Desse modo, para o desenvolvimento desta proposta de estudo, procurar-se-á identificar, localizar e analisar referencial bibliográfico pertinente ao assunto, levantando-se assim uma bibliografia base para a análise literária que será realizada. Dessa forma, entendemos como ações e procedimentos os seguintes passos: análise de material teórico-crítico especializado, fichamento e resenha de textos, análise literária do *corpus* deste estudo, leitura e produção escrita para publicização dos estudos, escrita do texto da qualificação, readequações pós-qualificação, escrita conclusiva da dissertação e, por fim, revisão da versão final.

Discussão

Evidenciamos, como primeiros gestos de análise, que, nos contos selecionados, Mariana Enríquez conta histórias permeadas pelo terror, utilizando em seus textos elementos cotidianos que aproximam a realidade das personagens com a do leitor, para depois enserir elementos insólitos, como estratégia narrativa que acaba por fazer tudo parecer desesperadamente possível de acontecer. Enríquez traz nos contos a ideia de uma Argentina marginalizada, silenciada, pouco discutida e muito perigosa para as mulheres. A escritora faz um recorte sobre um país pobre, injusto, violento e abandonado, utilizando o terror, impulsionado por acontecimentos insólitos, para tratar

de temas não somente existenciais, mas, sobretudo, políticos e das questões de gênero e classe.

Esses textos inserem-se no contexto da contemporânea produção literária argentina de autoria feminina, sendo Enríquez uma escritora singular, que intersecciona insólito e terror como aportes de sua ficção. A autora mostra em suas narrativas a opressão social vivida pelas personagens, quer seja em torno dos seus trabalhos marginalizados e desvalorizados, quer seja através da impossibilidade de expressar sua liberdade sexual ou de escolha, quer seja ao contestar os padrões de beleza ou fugir das imposições sociais que esperam sempre da mulher submissão ou silenciamento. Frente a esse contexto, buscamos, como resultado final deste estudo, a construção de uma dissertação que, a partir da literatura de Enríquez, em viés feminista, denuncie e traga à discussão social as práticas de violência, exclusão e marginalidade, permeadas pelo horror social, que envolvem às mulheres na atualidade.

Referências

ENRÍQUEZ, Mariana. *As coisas que perdemos no fogo*. São Paulo: Intrínseca, 2017.

ENRÍQUEZ, Mariana. *Este é o mar*. São Paulo: Intrínseca, 2009.

GUTIÉRREZ, Brenda. Renovación de un género. El terror social latinoamericano de Mariana Enríquez. In: *Seminario de Estudios sobre Narrativa Latinoamericana Contemporánea (SENALC)*, Córdoba. Anais..., 1 jul. 2019. Disponível em: <https://www.senalc.com/2019/07/01/renovacion-de-un-genero-el-terror-social-latinoamericano-de-marianaenriquez/>. Acesso em: 20 set. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. *Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

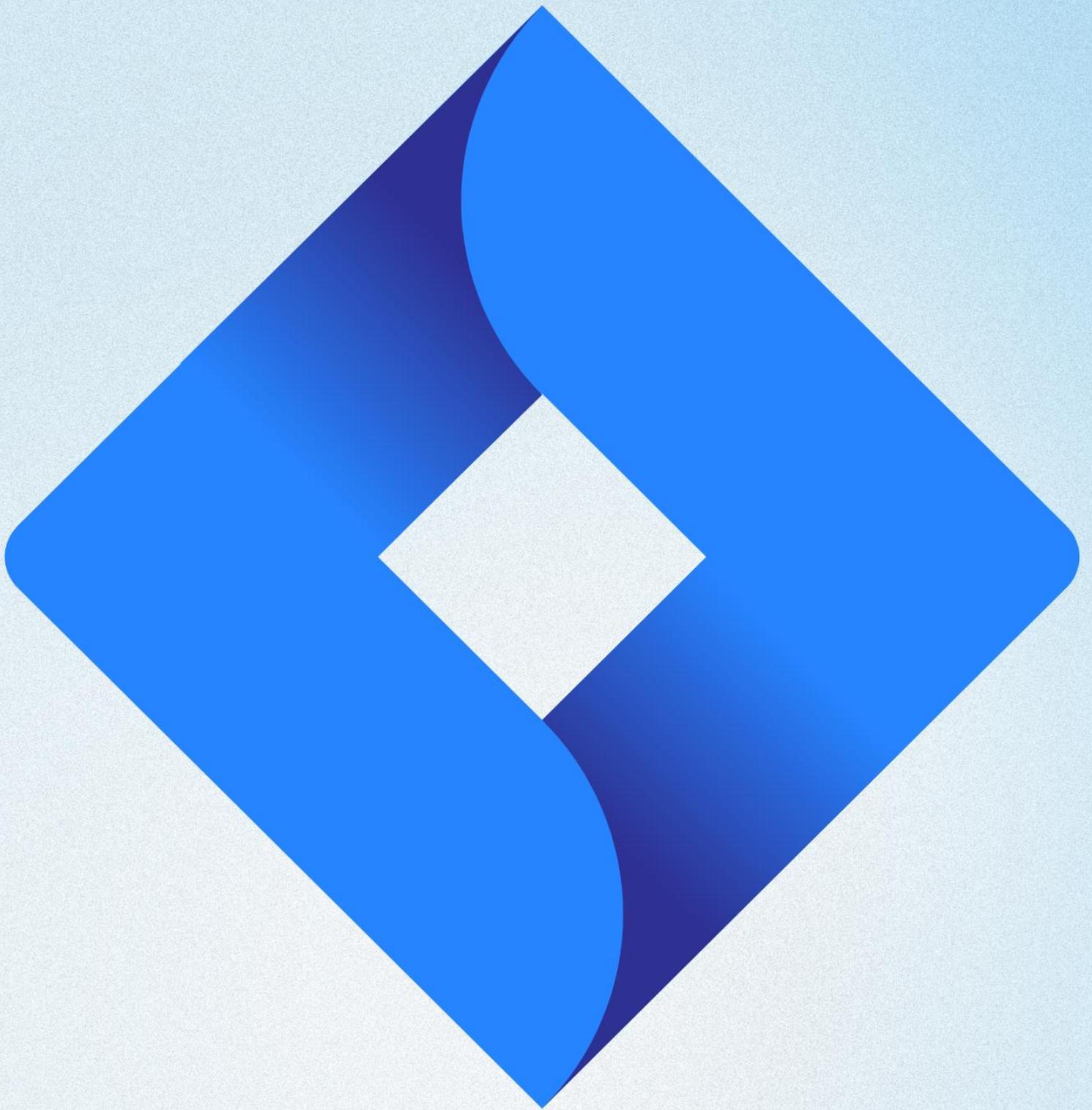
RIOSECO, Marcelo. Lo raro, lo espeluznante y lo abyecto: los espacios liminales del terror en “El chico sucio” de Mariana Enríquez. *Orillas*, n. 9, p. 85-97, 2020. Disponível em: http://orillas.cab.unipd.it/orillas/wpcontent/uploads/2020/07/2020_05Rioseco_rumbos.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-166.

VIVEROS VIGOYA, Mara. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*, n.52, p. 02-17, 2016. Disponível em: <https://www.elsevier.es/es-revista-debate-feminista-378-pdf-S0188947816300603>

Palavras-chave

Terror. Insólito. Horror social. Personagens femininas. Interseccionalidade.



LINHA B

LINGUÍSTICA APLICADA

Verbo-Suporte CAIR: Uma Análise Centrada no Uso

Letícia Souza Araújo Alves de Oliveira¹

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack – Orientadora (UESC)

Apresentação

Pesquisas linguísticas que consideram a língua em uso têm contribuído expressivamente para a descrição e a explicação de padrões emergentes, particularmente aqueles que evidenciam motivações semântico-cognitivas e pragmático-discursivas. Nesse âmbito, a investigação de construções com verbo-suporte se apresenta como um tema que pode ser aprofundado, tendo em vista a sua efetiva produção na língua portuguesa.

Conforme Neves (1997), em língua portuguesa, registram-se como verbos-suporte canônicos: *dar, estar, fazer, pôr, ter, tomar, entrar, prestar, tirar, cometer e assumir*. No entanto, outros verbos plenos (aqueles que são considerados núcleo de uma predicação, que selecionam os argumentos que estruturam o predicado) também podem ser usados como suporte, por exemplo, *botar, dizer, colocar, sentir, proferir, levar*. Algumas pesquisas linguísticas já têm revelado o comportamento de verbos-suporte mais frequentes na língua portuguesa, a exemplo de *dar* e *fazer* (TRAVASSOS, MACHADO VIEIRA (2019). Em contrapartida, há outros verbos que atuam como suporte e que ainda não foram muito estudados, como é o caso do verbo *cair*, pesquisado apenas por Santos (2021). Diante disso, justificamos a escolha do verbo *cair* como nosso objeto de estudo, que ainda necessita ser analisado e/ou aprofundado em suas propriedades formais e funcionais.

Nessa direção, pretendemos, com esta pesquisa, investigar usos em que o verbo *cair* atua como suporte a partir de amostras do português brasileiro contemporâneo. Para tanto, nosso *corpus* será constituído de textos escritos que serão coletados na plataforma virtual *Twitter*. A escolha dessa fonte de busca atende a um dos princípios defendidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso, o de que, para

¹ E-mail: lettyletras@hotmail.com

captar as mudanças e os padrões emergentes de uma língua, é fundamental recorrer a uma metodologia que contemple usos efetivos de língua.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar propriedades formais e funcionais de construções instanciadas pelo verbo-suporte *cair* no português brasileiro contemporâneo.

Objetivos específicos

- Descrever os padrões morfossintáticos evidenciados com os usos do verbo-suporte;
- Examinar os aspectos semântico-pragmáticos que caracterizam a construção;
- Analisar a natureza da construção a partir das propriedades de esquematicidade e de composicionalidade;
- Verificar a produtividade da construção a fim de atestar a frequência de uso dos padrões;
- Propor ações metodológicas para o ensino da construção pesquisada.

Justificativa

As pesquisas que tomam como base a língua em uso evidenciam que as escolhas de determinadas formas linguísticas pelo falante são decorrentes de motivações diversas: estruturais (fatores linguísticos em seus diferentes níveis), cognitivos (processos de domínio geral fundados na experiência humana) e pragmático-discursivos (que envolvem e configuram a cena comunicativa). Sob essa perspectiva, enquadram-se a Linguística Funcional Centrada no Uso, e, em especial, a vertente denominada de Gramática de Construções, abordagens que têm possibilitado a compreensão de vários fenômenos linguísticos, dentre eles, aqueles que evidenciam a emergência do sistema gramatical. Entendendo que o nosso objeto de estudo evidencia padrões emergentes, justificamos a escolha do aparato teórico, pois, com ele, poderemos explicar a natureza formal e funcional das estruturas em que o verbo *cair* atua como suporte.

A propósito, o uso do verbo-suporte *cair* evidencia a criatividade do falante em,

a partir de uma forma já existente na língua, atribuir novas funções e novos sentidos para atender suas intenções comunicativas. Os falantes têm necessidades em cada ato comunicativo e, para atendê-las, cria e recria estruturas linguísticas já existentes e atestadas na língua, inclusive descritas por instrumentos como dicionários e gramáticas de orientação normativa.

A respeito desses instrumentos, não encontramos uma descrição sistemática do comportamento do verbo-suporte na configuração que almejamos investigar, pois se trata de um uso emergente, o que justifica a realização da pesquisa. Assim, com ela, pretendemos demonstrar o que o verbo *cair* instancia, em termos de forma e sentido, quando usado como suporte nos diferentes contextos em que ele ocorre.

Para nortear a nossa investigação, usaremos como base a pesquisa de Santos (2021), que também investigou o verbo *cair* em função de suporte. Ela pesquisou o verbo *cair* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, tendo como amostras usos coletados no *Corpus* do Português. A fim de ampliar o que ela pesquisou, consideraremos, em nossa investigação, outras configurações morfológicas do verbo: *caiu*, *cair*, *caindo*, *caído*. A nossa expectativa é que, com outras configurações, encontraremos outras construções não registradas por Santos (2021), podendo, assim, ampliar o quadro de descrição das propriedades ostentadas pelo verbo *cair*.

Sobre a escolha de nosso *corpus*, justificamos a sua relevância por ser de domínio público e por possibilitar uma dinâmica de uso da língua muito diversificada, o que, a nosso ver, deve propiciar usos variados do verbo *cair* atuando como suporte.

Aparato teórico

Este projeto de pesquisa orienta-se teoricamente pela perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos defendidos por Furtado da Cunha, Bispo e Santos (2013), Oliveira (2015), Rosário e Oliveira (2016), dentre outros. Analisaremos usos efetivos do verbo *cair* funcionando como verbo-suporte e, para completar o quadro teórico, recorreremos a princípios defendidos pela Gramática de Construções, conforme defendido por Goldberg (1995), Croft (2001), Bybee (2010) e Traugott; Trousdale (2021 [2013]).

A Linguística Funcional Centrada no Uso é uma perspectiva teórica que

compreende a língua como um sistema adaptativo, uma estrutura maleável, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas (BYBEE, 2010). Assim, convivem na língua, de forma pacífica, as formas mais estáveis e as inovadoras, convivem as funções velhas, já estabelecidas, e as funções novas, as que surgem em função da (re)criação constante da gramática.

A propósito, gramática, nessa perspectiva, é concebida como “uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso” (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SANTOS, 2013, p. 14). Os autores que adotam essa concepção defendem uma interrelação entre discurso e gramática, pois o pressuposto é que eles se interagem e se influenciam reciprocamente.

Dentre os fenômenos que a teoria procura dar conta, estão aqueles relacionados à emergência de novos padrões linguísticos, sejam eles de forma ou de função. Para explicá-los, é necessário recorrer a fatores de natureza diversa, comunicativos ou sociais, cognitivos, estruturais e históricos, que, segundo Cunha, Bispo e Santos (2013, p. 21), “em conjunto, atuam de modo diverso nos diferentes contextos de comunicação, complementando-se em uns casos e anulando-se em outros”.

Tendo esse pressuposto como norte, a Linguística Funcional Centrada no Uso propõe categorias para as explicações dos fenômenos linguísticos. Dentre elas, destacamos a iconicidade e a marcação. A iconicidade se refere à correlação motivada entre a expressão linguística e seu conteúdo. A estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência (FURTADO DA CUNHA, BISPO, SANTOS, 2013). Conforme Givón (1990), a iconicidade compreende três subprincípios: quantidade de informação, proximidade entre os constituinte e ordenação linear. Desse modo, a iconicidade é estimulada por questões de clareza e transparência, de modo a reduzir a opacidade entre a forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático.

Já o princípio da marcação tem como ideia principal o contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística, considerando-os marcados quando, em relação ao outro elemento, ausenta alguma propriedade. Consoante ao conceito de “marcado” ou “não-marcado”, pode-se dizer que a categoria marcada é menos

frequente no texto, enquanto a não-marcada é a mais recorrente, que apresenta alta frequência de uso.

A propósito, a aferição da frequência de uso de uma determinada construção é um fator muito importante na teoria, pois assinala aquilo que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto. Trata-se de um fator que diz respeito à exploração dos recursos gramaticais disponíveis que o falante utiliza para atingir seus objetivos comunicativos.

Recorreremos também aos princípios defendidos pela Gramática de Construções, modelo teórico desenvolvido no âmbito da Linguística Cognitiva (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE (2021 [2013])), que se fundamenta no pressuposto de que a unidade básica da língua é a construção, definida como um pareamento de forma e significado (CROFT, 2001).

As construções de uma língua podem ser explicadas, em termos de semelhanças e diferenças. Para tanto, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) propõem três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Segundo os autores, essas propriedades se definem pela gradiência, o que abrange a noção de que há construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas.

A esquematicidade de uma construção relaciona-se a seu grau de abstração, ao fato de ela servir como um modelo virtual que captura a generalidade de padrões de uso. A composicionalidade, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), se refere ao grau de transparência entre a forma e a função e indica que quanto mais transparente for essa relação mais composicional será a construção. Por último, a produtividade diz respeito ao grau em que uma construção mais esquemática sanciona outras menos esquemáticas. Essa propriedade tem a ver com a capacidade de certificar uma variedade de *types* construcionais.

Um outro aspecto importante que influencia a produtividade de uma construção é a frequência *token*, que determina a variabilidade dos itens que ocorrem em um determinado padrão e/ou a reprodução da palavra em um padrão competitivo. Ou seja, a frequência *token* indica, por exemplo, quantas vezes uma determinada palavra ocorre em um *corpus* linguístico.

Nossa proposta de pesquisa é seguir a perspectiva construcional, aliada aos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, a fim de explicar como as construções com o verbo-suporte *cair* configuram-se em situações efetivas de uso do português brasileiro.

Metodologia

Para a realização da pesquisa, adotaremos o método misto de análise, nos termos de Cunha Lacerda (2016), que une as análises qualitativa e quantitativa. O caráter quantitativo está relacionado com a natureza mensurável dos dados a serem levantados no *corpus*, no caso, a frequência de uso das construções com o verbo-suporte *cair*. Quanto à dimensão qualitativa, ela diz respeito ao viés explicativo dos dados, com base nos pressupostos das vertentes teóricas adotadas, Linguística Funcional Centrada no Uso e Gramática de Construções.

Coletaremos dados da rede social *Twitter* para a investigação concreta, *corpus* escolhido por apresentar textos que demonstram o uso real e atual da língua. Assim, como fonte direta da coleta, elegemos o gênero comentário informal, tendo em vista que, nele, o falante tece comentários/avaliações sobre assuntos diversos, o que pode motivar padrões emergentes da língua.

Assim, para alcançar os objetivos propostos, o trabalho seguirá o percurso assim definido:

- ✓ Coleta de dados: busca e seleção no *corpus* das construções que serão analisadas;
- ✓ Análise qualitativa: serão analisados os padrões morfossintáticos, os aspectos semântico-pragmáticos e a natureza das construções em termos de esquematicidade e de composicionalidade;
- ✓ Análise quantitativa: serão levantados os padrões (*cair* no infinito e *cair* flexionado) a fim de atestar a produtividade e a frequência de uso.

Por fim, como última etapa da pesquisa, sistematizaremos os resultados e elaboraremos a dissertação, na qual, em um capítulo final, almejamos propor ações metodológicas para o ensino da construção pesquisada.

Discussão

Com os resultados das análises empreendidas, aspiramos revelar usos estendidos do verbo cair, a partir da análise da língua/linguagem e suas representações em processo interacional, no sentido de contribuir com a ampliação do tratamento a ser dado a esse verbo, principalmente nos contextos de ensino de Língua Portuguesa. Também, contribuir com os estudos linguísticos que se ancoram nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso LFCU e da Gramática de Construções. Esta última, em particular, é pouco difundida ainda no âmbito acadêmico, por isso, uma análise construcional como a que pretendemos desenvolver possibilitará também a sua divulgação.

Referências

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP. 2010.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da.; BISPO, Edvaldo Balduino.; SANTOS, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M. (Org); FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 15 Número Especial: 53-78. 2013.

GIVÓN, T. *Syntax. A functional-typological introduction*. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995

GOLDBERG, A. E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ILLARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILLARI, R. (org.). *Palavras de classe aberta: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudo das construções com verbos-suporte em português. In: KOCK, Ingedore Villaça (org.). *Gramática do português falado*. Volume VI: desenvolvimentos. Campinas: Unicamp, Fapesp, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: Margarida Basílio. A delimitação de unidades lexicais. *Revista Palavra*, nº. 4. Série Linguagem, PUC-Rio, 1997, p. 98-113.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 160p.

ROSÁRIO, Ivo do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de Oliveira. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, 60 (2), 233-259, 2016.

SANTOS, A. R. *Análise do verbo cair com ênfase no seu uso como verbo-suporte: um estudo na perspectiva da gramática de construções*. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2021.

SILVA, M. D. *Um estudo de “um belo dia” na perspectiva da gramática de construções*. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

TRAVASSOS, P. F.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.. Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte DAR no PB. *REVISTA SOLETRAS*, v. 1, p. 272-298, 2019.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Palavras-chave

Verbo *cair*. *Twitter*. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

Da crioulização ao pretuguês: (re)pensando as africanidades no português brasileiro

Sávio Oliveira da Silva Santos¹

Prof. Dr. Gabriel Nascimento dos Santos – Orientador (UFSB)

Apresentação

Assim como a língua se modifica com o tempo, sem medição linear e completa de suas alterações, seus conceitos e definições alteram-se (ou deveriam ser alterados e alternados) concomitantemente, sobretudo no fazer científico que se propõe a estudá-la. Cientes disso, este estudo em andamento tem por problema de pesquisa a seguinte indagação: como a discussão sobre crioulização no Brasil e sobre línguas africanas na diáspora brasileira possibilitam ampliar teoricamente o conceito de pretuguês?

Nesse âmbito, é inerente refletirmos sobre o conceito de língua para os diversos campos e áreas que pensam essa africanização, sobretudo identificando como e sob quais parâmetros pensam essas línguas-sujeitos, afinal, “[...] não há visão de língua que não venha de algum lugar” (NAGEL, 1986, p. 68 *apud* CERQUEIRA, 2016, p. 16).

Visamos principiar nossos estudos trazendo o debate sobre semicrioulização, não crioulização ou crioulização, devido ao foco em trabalhar as diferentes abordagens que, nas entrelinhas, disputam uma narrativa patrial sobre a constituição da nação brasileira, especialmente espelhando a presença do negro nas entranhas culturais, econômicas, raciais, linguísticas, dentre outras, para, *a posteriori*, enviesarmos nosso aprofundamento sobre o pretuguês.

O pretuguês, “[...] ou seja, aquilo que chamo de ‘Pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 1988, p. 70), nos fornece a possibilidade de se inscrever nesse debate e repensar as africanidades. Entretanto, não mais compreendendo essa presença de africania somente atrelada aos resquícios ou às contribuições, como foi e de alguma forma tem sido denominada devido aos parâmetros utilizados para ‘medir’ essa presença africana por intermédio do conceito de língua em abordagem.

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Email: sossantos@uesc.br.

Por outro lado, estudar os porquês da inexistência de criouliização – ou seja, da não perpetuação de línguas africanas no Brasil – estabelecendo uma relação com o pretuguês – perpetuação das africanidades linguísticas nos sujeitos afrodiáspóricos – vai de encontro a uma tradição linguística europeia perpetuada desde o século XIX, que sempre rechaçou as línguas dos sujeitos localizados na zona do não ser (FANON, 2008).

Do mesmo modo, histórica e contemporaneamente, essas línguas do Outro se tornaram a variedade de superstrato, como foram e “são geralmente tratadas como a linguagem do estrangeiro, do exótico, do marginal, do ‘outro que não eu’, culminando na ‘construção do outro como não-ser como fundamento do ser’ (CERQUEIRA *apud* CARNEIRO, 2016, p. 1).

Ao evocar o conceito de língua e/ou pauta-lo pela linguística africana, com voz e vez do próprio africano/afro-brasileiro, falando com e não sobre esse corpo/sujeito racializado, ampliaremos as possibilidades de interpelação do sujeito nas diversas formas de expressões e linguagens. Com isso em vista, nosso estudo, para além de visar novos horizontes inscritos na língua, pensa localizar a presença contínua de uma negritude estrategicamente forjada na reexistência (SOUZA, 2011).

Objetivos

Objetivo geral

- Ampliar teoricamente a discussão acerca do conceito de pretuguês.

Objetivos específicos

- Discutir o conceito de criouliização;
- Problematizar categorias como dialeto à luz da sociolinguística variacionista;
- Abordar novas concepções de língua/linguagem para discutir africanização no português do Brasil, representadas pelo conceito de pretuguês.

Justificativa

Considerar as formas de se combater as diversas facetas do racismo é essencial para construir, de antemão na língua(gem), novas formas de reeducar-se. Para Fanon (2008, p. 34), “[u]m negro que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê

onde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência [...]”. Discutir questões de oralidade africana, compreensões de língua para os diferentes povos que formaram o Brasil e como em vista do desenvolvimento histórico mantiveram seus usos linguísticos possibilita ir além de questões fenomenológicas e ingressar no âmbito ideológico na linguagem (FIORIN, 1998). Assim, desassociar fatores históricos para manutenção das línguas é anular incidências e reconfigurações na sua estrutura.

O projeto se alinha às perspectivas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações porque o campo da linguística aplicada se propõe também a explorar diferentes conceitos de língua para pensar diferentes modos existência e reexistência em uma sociedade. Logo, fomenta discutir tanto o modo como se construiu o conceito de criouliização quanto o modo como se ressignificou e tem ressignificado a percepção acerca das marcas de africanização - diria africanidades na linguagem - inculdas no português.

Aparato teórico

Para Matos e Silva (2004, p. 20), “há muitas histórias por reconstruir sobre as faces indígena e negra no Brasil e, conseqüentemente, sobre as variantes do português brasileiro que aí se veicularam e se evidenciam”. E uma dessas novas faces sobre a percepção do português afro-brasileiro pode ser desenvolvida ao discutirmos a forma como se tem lidado com o criouliismo/criouliização e o que se tem diagnosticado como variação e/ou dialeto.

Conforme Lucchesi (2009), o que será denominado de português afro-brasileiro não será o português abasileirado cotidiano, ou a língua nacional, mas o conjunto de variações que pessoas ‘ainda possuem’ em suas comunidades afastadas e que tem influência das línguas africanas. Assim, vemos que a linguística, especialmente a sociolinguística, paralelamente, busca entender essas línguas do Outro a partir de dados, de palavras, de provar que a influência africana e indígena está presente. Mas o modo de provar isso nem sempre parte antes de uma revisão de parâmetros. Embora, “ajustar nossas categorias para adequá-los ao problema é necessário porque problemas práticos requerem o uso de categorias apropriadas para suas soluções” (MAKONI, 2019, p. 195).

Considerar a existência de crioulização favorece acreditar na possibilidade de haver comportamentos linguísticos (RAJAGOPALAN, 2006) voltados para uma reexistência (SOUZA, 2011) desde o tempo escravagista, como forma de subterfúgio, estratégia e tecnologia linguísticas que podem ou permanecem espelhadas hodiernamente nos falares das comunidades negras. A exemplo do uso de linguagens e códigos ou de práticas linguísticas utilizadas apenas na sua comunidade.

A ideia de crioulismo está assentada no plano da transmissão irregular da língua, ou seja, para os estudos linguísticos que defendem sua inexistência, se a língua portuguesa fosse passada de forma regular, haveria uma língua portuguesa brasileira sem tantas variações. Mas, se pensarmos as condições lexicais e fonológicas dos escravizados, podemos induzir que mesmo transmitida de forma regular, ainda existiriam diferenciações no falar e na condição semântica, visto que não daria para simplesmente anular um sistema linguístico e detrimento de outro, sequer aspectos culturais, históricos e mnemônicos que compõem as subjetividades dessas pessoas.

Essa crítica pode ser feita porque em comunidades urbanas onde há presença de “variantes”, denominações como gírias e dialetos têm sido usadas para caracterizar comportamentos linguísticos justificados por intermédio de fatores generalizantes, por exemplo, de escolarização. Assim como Labov (2008) compreendeu o *black english* a partir de uma visão de língua para determinar as variedades do Inglês em uma comunidade de fala, assentados em outros conceitos de língua, estão sendo reconhecidas as “variedades” do francês como línguas em conjuntos habitacionais.

O uso da fala altamente simbólica nos conjuntos de moradias pobres na França é um exemplo excelente de ‘língua’, como camadas precisas que são mais bem descritas como referência a situações comunicativas em vez de com referência a uma língua específica (MAKONI, 2019, p. 207).

Ou seja, é importante indagar os conceitos de língua cunhados em detrimento das “contribuições”, “variedades”, “marcas de africanização”, “crioulização” que têm representado ou tentado representar os mesmos elementos linguísticos da presença do negro na diáspora. Além disso, em quais conceitos de língua essas teorias e conceitos têm se assentado, elas contribuem ou não para atenuar a presença do negro na nação brasileira a partir de uma cidadania linguística atual?

Todavia, acreditamos que a africanização na língua pode também ser percebida em comunidades de fala e de prática urbanas, não somente também em ambientes religiosos (CASTRO, 1977); que possa ser percebida em espaços onde a manifestação de uma negritude frente à lógica colonial e unilíngue, em vez de diglósica, esteja em pauta, conforme estudos sobre pretuguês já vêm considerando (CERQUEIRA, 2022).

O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou r, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos “crioulos” do Caribe). *Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis, se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças, etc.* Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc, que minimizam a importância da contribuição negra (GONZALEZ, 1988, p. 70. Grifo nosso).

Em vista disso, buscaremos canalizar a presença de pretuguês nas expressões corporais, rítmicas, nas hibridizações linguísticas, entre outros. A constituição de *corpus* da pesquisa se dará, possivelmente, tomando como exemplo as operações corpo-territoriais² contidas nas músicas do Ile Aiyê, o primeiro bloco afro do Brasil. O Ile Aiyê é considerado uma das maiores expressões culturais do Brasil devido ao modo como historicamente manifesta um percurso de Negritude, evidenciando o orgulho negro mediado pelas afrosonoridade, religiosidade afrodiaspórica e a língua-se-santo de matriz africana em suas músicas. Com isso, analisaremos elementos tanto fenomenológicos, como rotacismo, dupla negação etc., quanto elementos considerados ideológicos na linguagem: ressignificação, atos linguísticos, entre outros.

Metodologia

² O conceito de corpo-território corresponde a uma noção insurgente desenvolvida pelos estudos decoloniais à luz das práticas culturais dos povos africanos na diáspora. Espelha uma teoria que rasura normatividades e possibilita enxergar novas nuances existenciais que escapam as metodologias, isto é, estão para além das regras da língua, do corpo e do território. “Diante disso, se perceber corpo-território é reafirmar a sua construção sócio-histórica” ou, em outras palavras, não omitir/negligenciar a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias” (MIRANDA, 2020, p. 34 *apud* MIRANDA, 2014, p. 70).

Para alcance dos objetivos deste projeto, compreendemos esta pesquisa como de caráter qualitativo. Consideraremos ainda esta pesquisa de caráter bibliográfico, elaborando um levantamento teórico de cunho exploratório (GIL, 2002), pois ela nos fornece a possibilidade de suscitar diferentes pontos de vista de pesquisadores e autores para além do campo de desenvolvimento da pesquisa, sendo a Linguística, especificamente a Linguística Aplicada. A revisão bibliográfica será feita tomando por base discussões sobre raça e linguagem, portanto, tendo alguns autores mais amplamente discutidos e de forma interdisciplinar, como autores da antropologia (GONZALES, 1988; 1890), da psicologia (FANON, 2008), da Linguística histórica (MATOS e SILVA, 2008), da sociolinguística (LUCCHESI, 2009; 2012), dentre outros. Tal levantamento fomentará explorar seus diferentes posicionamentos sob um mesmo tema e/ou sujeitos e fornecerá bases para a ampliar a discussão acerca do conceito de pretuguês.

Por sua vez, tomaremos em nossa pesquisa, como exemplo, recortes de afrografias e afrosonoridades (MARTINS, 1978) sobretudo das músicas de blocos afros na Bahia, observando o emprego e a representação da negritude nessas nuances linguísticas por intermédio dos atos, expressões, palavras, significados, entre outros com originalidade atrelada às línguas africanas, bem como registros do que já vem sendo denominado de pretuguês.

Discussão

Espera-se que este estudo em andamento possibilite expandir a leitura sobre as africanidades presentes corpo-territorialmente nas afrografias e afrosonoridades da memória: na fala, na música, na religião, na cultura, no corpo negro que dá e deu suor, cor e língua à nação brasileira. Doravante, esperamos compor análises por meio de recortes diversos onde a leitura da africanidade na língua(gem) não seja medida, mas percebida, sentida e valorada. Para tanto, pensando com jinga e mandinga novos conceitos e abordagens de pretuguês reconhecendo criticamente a perpétua africania neste território.

Referências

CASTRO, Yeda. A. Pessoa de; CASTRO, Guilherme A. de Souza. *Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta da localização dos empréstimos*. Da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - (Departamento de Antropologia e Etnologia), 1977. Civilização Negra e Educação do II Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas. Jan de 1977, Lagos, Nigéria.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. *O pronome pleno de terceira pessoa no “pretuguês” oitocentista*. Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, aop 21537.2022.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira; CARVALHO, Danniel da Silva. *Racializando língua ou linguificando raça?* 1 ed. oxford/new york: oxford university press, 2016, 362 p.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. *O pretuguês como comunidade de prática: concordância nominal e identidade racial*. Traços de Linguagem, Cáceres, v. 4, n. 1, p. 75-88, 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvado: EDUFBA, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6ª edição, Editora Ática, 1998. Séries princípios.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Temas e Problemas da População Negra no Brasil, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. *A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas*. Estudos de Linguística Galega, n. 4, p. 45-65, 2012.

LUCCHESI, D., BAXTER, A. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado no Jatobá*. – São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1977. – (Coleção perspectiva).

MAKONI, Sifree; MEINHOF, Ulrike. *Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua*. In: Por uma linguística aplicada indisciplinar. Luiz Paulo moita Lopes (org.). – São Paulo: Paraíba Editorial, 2006. (língua[gem]; 19).

MATOS E SILVA, Rosa V. *Ensaio para uma sócio história do português brasileiro*. Parábola, 1ª edição, 2004.

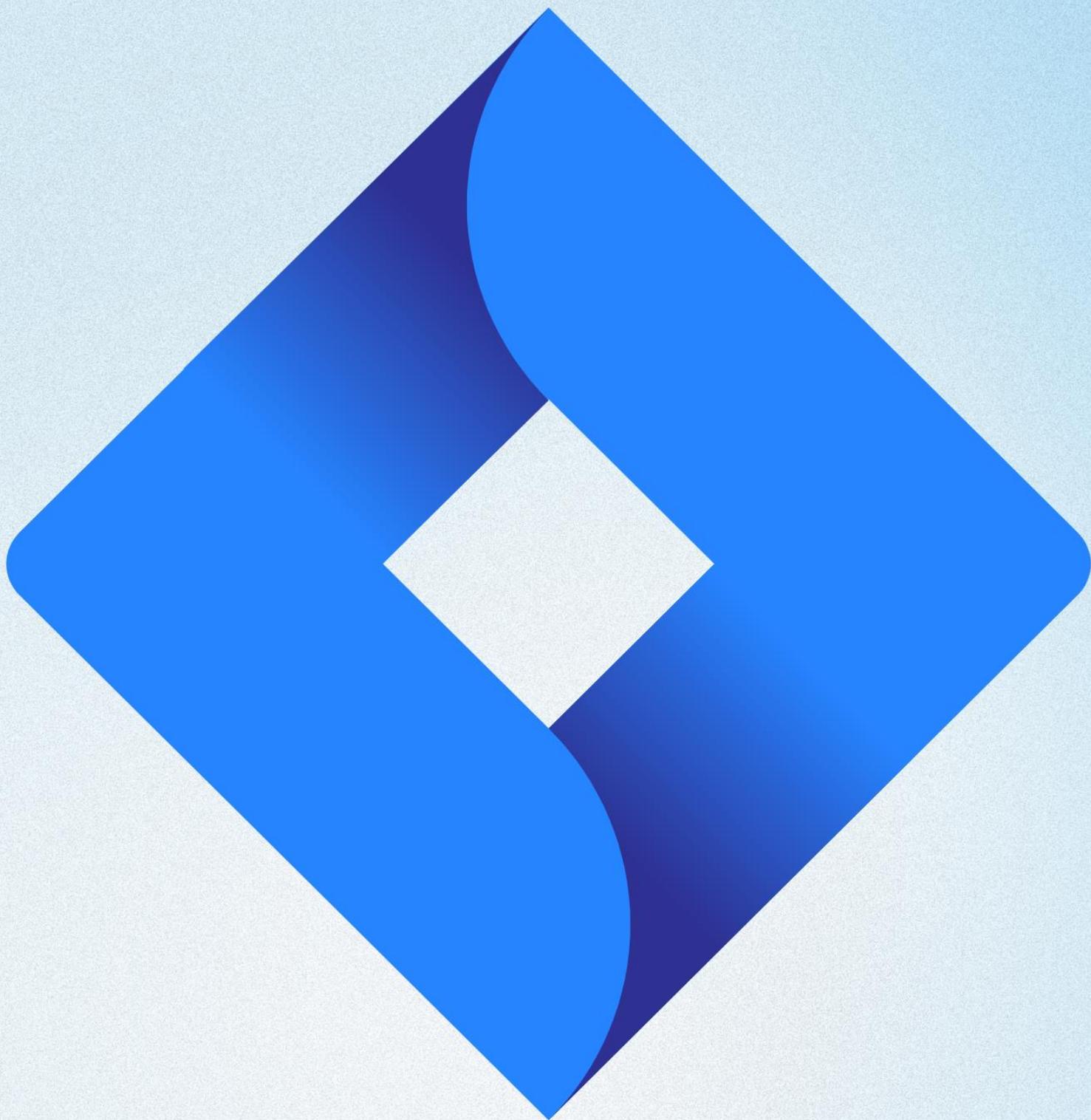
MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Repensar o papel da linguística aplicada*. In: Por uma linguística aplicada indisciplinar. Luiz Paulo moita Lopes (org.). – São Paulo: Paraíba Editorial, 2006. (língua[gem]; 19).

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Palavras-chave

Crioulização. Pretuguês. Raça. Linguagem.



LINHA C

LINGUAGEM E ESTUDOS DE GÊNERO

Sentidos de beleza na era digital: uma análise dos discursos de produtores negros de conteúdo do YouTube

Felipe Muniz da Silva¹

Prof. Dr. Rogério Modesto – Orientador (UESC)

Apresentação

A julgar pelas condições de produção autorizadas no espaço virtual, no qual o YouTube se localiza, as relações e os processos de subjetivação foram remodelados a partir do estabelecimento do ciberespaço e de suas constantes modificações. Local por onde circulam discursos em sua forma material, o ciberespaço se coloca como um espaço aberto, um espaço de deslocamentos, tensões, retomadas de sentidos, de modo que a significação, marcada pela temporalidade histórica, circula (DIAS, 2012).

Esse espaço imaterial no mundo físico oportuniza ao sujeito contemporâneo maneiras de se relacionar, como também o coloca face a uma produção de narratividades que contemplam ideologias engendradas pelos efeitos de verdade (CRUZ, 2018), efeitos estes que delineiam e delimitam o corpo na sociedade.

Os modos de discursivizar o corpo, no curso da ideologia que o interpela, demanda deslocamentos, falhas, regularidades e sentidos de como este deve ser, de como este deve ser apresentado para pertencer ao meio social vigente. Neste funcionamento do corpo, não empírico, não biológico e não orgânico, mas discursivo, deparo-me com a constituição, formulação e circulação de uma materialidade erigida pelo discurso nas condições de produção do ciberespaço que configura sentidos de beleza negra e inscrevem em um corpo negro a dimensão estética, retomada por produtores negros de conteúdo no YouTube.

O YouTube é hoje uma plataforma *on-line* de fácil acesso, grande audiência, que conta com um amplo acervo de vídeos, os quais são carregados e compartilhados diariamente, e por onde engendram as posições-sujeitos de produtores negros de conteúdo, fazendo circular sentidos de e sobre beleza negra. Sendo assim, têm-se como pergunta discursiva a seguinte formulação: Que sentidos de beleza são

¹ Psicólogo, mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela UESC com bolsa CAPES. E-mail: fmsilva@uesc.br

mobilizados no discurso de produtores negros de conteúdo no YouTube a partir da perspectiva da análise do discurso?

Objetivos

Objetivo geral

Investigar os sentidos de beleza de produtores negros de conteúdo do YouTube a partir da perspectiva da análise do discurso.

Objetivos específicos

Identificar, descrever e analisar, nos discursos de produtores negros de vídeos do YouTube:

- as relações discursivas entre beleza e racialidade
- os sentidos de beleza em tais vídeos;
- o funcionamento dos sentidos de produção de conteúdos no YouTube a partir do tópico de perguntas frequentes da aba *Youtube Creators*.

Justificativa

A presente pesquisa é relevante para o campo dos estudos linguísticos e do discurso por promover uma discussão em torno das materialidades significantes que versam sobre beleza negra. Em meio às condições de produção que sustentam sua organização, constituição e funcionamento pela ideologia, os padrões estéticos se materializam na corporalidade ao serem (re)significados de acordo com o tempo e espaço em que se situam. Neste contexto, a eleição das materialidades que compõem os espaços enunciativos informatizados e que demarcam as posições-sujeito, aqui entendidos por “produtores de conteúdo”, possibilitam um entendimento mais aprofundado sobre o funcionamento da produção e circulação de vídeos (conteúdos) no YouTube.

Sob uma perspectiva de entremeios, que versa acerca dos desdobramentos da racialidade, tensionados com os sentidos de beleza de produtores negros de conteúdo no YouTube, esta pesquisa vem a contribuir com discussões em torno da racialidade na Análise do Discurso, campo de estudos em pleno desenvolvimento em território nacional. Apoiado no batimento entre elementos sintáticos, textuais, imagéticos que materializam a operacionalização histórica e ideológica na presente formação social, o

trabalho promove reflexões, através do linguístico e do discursivo, sobre as relações de poder e opressão que circundam a estética entremeada à racialidade, de modo a demarcar práticas antirracistas.

Aparato teórico

O YouTube é uma plataforma de vídeos de grande alcance de audiência, pioneira na digitalização de conteúdo audiovisual, altamente interativa na troca de informações através de suas ferramentas, que estabelece um sentimento de comunidade na sua dinâmica de configuração e que possibilita formas de estar no virtual.

Partindo do pressuposto de um poder dizer na materialidade virtual, complexos gestos de interpretação a partir das mais diversas posições-sujeitos passam a ocupar YouTube, e o configuram enquanto espaço virtual que oportuniza certos sentidos circularem e outros não, já que estes nunca são ao acaso, aleatórias (ADORNO, 2015), e é assim que, por efeito de sentido, a beleza é significada na materialidade discursiva de produtores negros de conteúdo da plataforma, pois “a produção de sentidos é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso” (PÊCHEUX, FUCHS, 2014, p. 238).

Na busca por compreender as discursividades formuladas no YouTube em torno da beleza negra, deparo-me com os sentidos de e sobre o corpo, um corpo demandado e demarcado pela estética, que se inscreve em diferentes materialidades discursivas, as quais produzem efeitos de sentidos, em seus modos de interpelação na linguagem e na história. O corpo é o lugar do visível e do invisível, que não apenas se expõe no olhar do outro (LEANDRO-FERREIRA, 2013).

Por sua vez, o corpo negro ganha corporalidade em meio a forma de organização, constituição e funcionamento sócio-histórico. Sendo assim, é preciso “interpretar esse corpo a partir de determinados lugares sociais e discursivos, de determinadas formações imaginárias, ideológicas e discursivas, de determinadas memórias, em determinadas condições de produção, a partir de um modo de subjetivação” (SOUZA, 2021, p. 69).

Diante do sistema de signos que constituem a forma material discursiva do corpo negro, este é tomado enquanto lugar da opacidade, que a partir de condições de produção faz circular dizeres sobre a beleza. Nesse percurso da enunciação de sentidos de beleza, produtores negros de conteúdo do YouTube esbarram nas condições de um como dizer, de um modo de fazer esse dizer circular, com o qual vejo que neste momento é necessário considerar sua intersecção com o processo de racialidade

Associada ao padrão de poder que se vincula à classificação social, a ideia de raça desponta para uma classificação que operacionaliza uma experiência de dominação que rememora a matriz de poder colonial em que produziu e demarcou uma relação de inferioridade no e pelo corpo. É neste corpo que, levando em consideração o modo de produção social, já que raça também é atravessada por classe, a exclusão e a consolidação de certos estereótipos é experienciada pelo corpo negro (SOUZA, 2021).

Tencionando a historicidade de dominação experienciada, o padrão de beleza eurocêntrico persiste enquanto símbolo primordial de estética, primado como possível pelo social e erigido pelo processo de colonização, que fez com que a (auto)imagem do corpo negro, fosse posta à margem, silenciada, não valorizada e ridicularizada em meio às características fenotípicas que denunciasses não compor o ideal de beleza.

Sendo assim, a materialidade discursiva que a beleza retoma é atravessada por um discurso racializado, sendo que este “[...] ressalta a compreensão de que a tensão racial é um problema constitutivo à formação social brasileira, tendo em vista o modo de produção que a domina” (MODESTO, 2021, p. 2).

Assim, um discurso racializado [...] dá conta de um funcionamento discursivo atravessado pela memória dos processos sociais e históricos de racialização os quais se manifestam não apenas nos dizeres e imagens específicos de/sobre raça, mas também nos dizeres e imagens que dissimulam seu atravessamento racial, apesar das condições sociais e históricas de uma formação social capitalista e de origem colonial nas quais se inserem (MODESTO, 2021, p. 9).

Os discursos racializados se materializam ao transpassar por outras discursividades, deixando suas marcas na linearidade discursiva (MODESTO, 2021). Desse modo, temos a “racialidade como partícipe do processo de constituição do

sujeito e do sentido em sua relação de imbricação com outras dimensões que tocam os processos de interpelação, identificação, subjetivação”, de modo que a categoria de raça procede sob a classificação, organização e hierarquização tendo em vista o modo de produção social dominante (MODESTO, 2022, p. 6).

À vista disso, os efeitos raciais perpassam a interpelação ideológica, a qual, em sua relação com questões raciais, torna o sujeito responsabilizado de si, isto é, provoca uma acusação no sujeito e o torna responsável por alguma coisa, passando a ser lido enquanto culpado (MODESTO, 2018).

Intento em pensar que este curso da interpelação poderia imputar responsabilidade sobre o corpo negro, por não ser um corpo que materializa as discursividades do já-dito sobre beleza. No engendramento da ideologia, o corpo negro então seria um corpo demarcado pela transgressão ao vigente, sendo o sujeito deste corpo responsabilizado por não manter o seu visível condizente com os sentidos de beleza inscritos e circulados na virtualidade.

E é a partir desse deslizamento que penso nas discursividades que circunscrevem o corpo negro e os sentidos de beleza configurados pelos efeitos de verdade, inscritos na história e materializados pelas discursividades operacionalizadas nas formações imaginárias e no interdiscurso. E o que proponho aqui é pensar na beleza enquanto discurso racializado, engendrado nas interpelações ideológicas e constituídos pela formação social nos moldes do modo de produção capitalista, com o qual os produtores negros de conteúdo fazem circular sentidos de e sobre beleza.

Metodologia

Considerando a operacionalização da memória do dizer de e sobre beleza negra, seleciono três vídeos para o meu gesto de análise, são eles: “5 MITOS DA BELEZA NEGRA” do canal “Herdeiras da Beleza”, “Precisamos falar sobre beleza NEGRA | Jean Fontes e Gabi DePretas”, hospedado no canal “Jean Fontes”, e por fim, “A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA: Geração Tombamento é Política?” do canal “Nátaly Nery”. Vale a pena ressaltar que meu gesto de análise não se limita nos vídeos, mas também nos comentários postados.

Retomando Orlandi (2015), no que tange a análise do discurso dos produtores negros de conteúdo supracitados, entendo que o primeiro passo é a passagem da

superfície linguística para o texto (discurso), de modo que me permita a montagem do arquivo a saber quais e quantas sequências discursivas serão selecionadas dos vídeos considerando seus respectivos imbricamentos com a racialidade. Em momento posterior, será realizada a passagem do objeto discursivo para a formação discursiva, entendendo que efeitos de racialidade são promovidos e quais outros efeitos são recorrentes, tendo em vista de que o método de análise deve “ser ‘histórico’ (discursivo), e fazer apelo a ‘interdiscursividade’ trabalhando com os entremeios, os reflexos indiretos, os efeitos” (ORLANDI, 2007, p. 54-55). E por fim, em paralelo a essa etapa, darei início a fase de batimento de descrição/análise do corpus de acordo com a remissão deste às suas condições de produção ao passo que exprime o processo discursivo e o funcionamento da formação ideológica (ORLANDI, 2015). Durante este embasamento teórico, delimitarei o corpus, apontando dentre o material levantado quais e quantas sequências discursivas serão selecionadas, entendendo qual/is formação/ões discursiva/s é/são predominante/s, quais efeitos sobre raça são promovidos no tensionamento, quais outros efeitos são recorrentes, quais são silenciados e etc. (SOUZA, 2021; MODESTO, 2018, 2021, 2022).

Discussão

Associado à ideologia, o corpo emerge a partir da sua relação com formas de assujeitamento, comparecendo enquanto dispositivo de visualização, que desponta para as suas condições de produção. Por sua vez, o corpo negro é circunscrito por padrões e pressões sociais que levam os sujeitos a se inserirem em esferas de sentidos sobre bonito/feio, desejado/indesejado, entendendo o que pode ou não seus corpos, isto é, os acessos que lhes são permitidos.

Nas condições de produção virtual, a instituição de materialidades discursivas de beleza pela produção de conteúdo *on-line*, como os vídeos no YouTube, atualiza uma memória em torno das permissões do corpo negro, quero dizer, um corpo fabricado, lido, visualizado, requerido a seguir uma regularidade estética e demarcado por discursos racializados, como: “Pele negra *não* precisa usar base”, “Pele negra *não*

precisa usar filtro solar”, “Pele negra *não* combina com batom vermelho”². Dessa forma, o uso regular do adverbio de negação, acrescenta uma circunstância do que não pode o/no corpo negro. Não combina e não precisa porque é negro?

A operacionalização desses discursos, ecoam uma memória discursiva de vilipêndio pelo efeito da racialidade engendrada no mito da democracia racial brasileira. De acordo com Modesto e Pereira (2021), a democracia racial circunscreve o funcionamento de uma plena harmonia, de uma nação misturada em completa sintonia, de modo que todos o conjunto de elementos da racialidade ocupam os espaços de forma igualitária, quando na realidade, o mito da democracia racial favoreceu um cenário em prol do silenciamento e encobrimento do racismo, onde vários enredos de anulação da negritude foram empregados e popularizados entre a nação (MODESTO; PEREIRA, 2021), inclusive o que pode e o que combina ou não com o corpo negro.

Referências

ADORNO, Guilherme. *Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2015. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DEODSO>>. Acessado em 12 de abril de 2022.

CRUZ, Haísa Wilson Lima. *Militância em Rede: o discurso do vlog Canal das Bee*. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2018. Disponível em: <<http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201610158D.pdf>>. Acessado em 06 de junho de 2022.

DIAS, Cristiane. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade na rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec, 2012.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. *REDISCO–Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697>>. Acessado em 02 de novembro de 2022.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em:

² Estas três citações/materialidades foram retiradas do canal “Herdeiras da Beleza”, do vídeo “5 MITOS DA BELEZA NEGRA”, hospedado no YouTube e publicado em 12 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JAD7319wIkc>>. Acessado em 29 de dezembro de 2022.

<<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>>. Acessado em 29 de agosto de 2022.

_____. Mulato nos dicionários de português ou sobre o que uma palavra pode contar da mestiçagem no Brasil. *Revista Interfaces*, v. 13, n. 03, p. 127-141, 2022. Disponível em: < https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7256>. Acessado em 03 de novembro de 2022.

_____. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. *Littera Online*, v. 9, n. 124, p. 145, 2018. Disponível em: < https://www.academia.edu/38186446/INTERPELA%C3%87%C3%83O_IDEOL%C3%93GICA_E_TENS%C3%83O_RACIAL_EFEITOS_DE_UM_GRITO_pdf>. Acessado em 02 de novembro de 2022.

_____; PEREIRA, Cely. “Mulher Negra de Pele Clara”: Lugar de Enunciação e Processo de Identificação. *Entremeios, Revista de Estudos do Discurso*, p. 274-290. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/892.pdf>>. Acessado em 15 de agosto de 2022.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catharine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GATED, F.; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux/ organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al]*. – 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 159- 249.

SOUZA, Bárbara Pavei. *Entre o olhar e o ver: as (in) visibilidades do corpo feminino negro nas revistas de moda*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17505>>. Acessado em 02 de novembro de 2022.

Palavras-chave

YouTube. Beleza. Racialidade. Discurso.

O funcionamento discursivo de cartilhas da saúde como divulgação científica

Marcus Vinícius Alves Menezes¹

Prof. Dr. Rogério Modesto – Orientador (UESC)

Apresentação

A pesquisa em pauta parte do meu interesse em pesquisar sobre a saúde LGBTQ+ no Brasil. Inicialmente, na graduação, analisei sobre a implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no interior da Bahia. Agora, no mestrado, minha pesquisa em andamento tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo de cartilhas digitais da saúde sobre a COVID-19 para a população LGBTQ+. Este é um trabalho que tem como base os princípios e procedimentos da Análise de Discurso (AD) materialista, assim como está situado no ponto de articulação entre a AD e a História das Ideias Linguísticas (HIL). Considero, inicialmente, algumas condições de produção: 1) o deslizamento de sentidos de cartilhas de alfabetização (conhecimento linguístico) para cartilhas de divulgação científica (conhecimento não-linguístico) e 2) diante de políticas públicas do Estado, as cartilhas de conhecimento não-linguístico são produzidas para a disseminação de informações científicas para diferentes públicos-alvo e, no caso da presente pesquisa, cartilhas para profissionais da saúde e/ou pessoas LGBTQ+. Em ambos os casos, penso a relação conhecimento e sujeito, ou seja, como está em jogo a constituição de um sujeito em relação a um saber, além de considerar que uma cartilha é produzida por um sujeito que detém determinado saber e é autorizado a ensiná-lo para um sujeito que não o detém (SILVA; PFEIFFER, 2014).

Objetivos

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz, graduado em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Tensões Raciais (UESC/CNPq). E-mail: marcusvamenezes@gmail.com.

Objetivo geral

Analisar o funcionamento discursivo da divulgação científica na formulação de cartilhas digitais de saúde sobre a COVID-19 para a população LGBT+.

Objetivos específicos

- Compreender as discursividades que atravessam o discurso da saúde na formulação de cartilhas para pessoas LGBT+ com foco na COVID-19;
- Investigar como os sujeitos LGBT+ são significados nas cartilhas de saúde selecionadas;
- Compreender como a saúde LGBT+ é significada em relação a COVID+ em cartilhas de saúde.

Justificativa

A pesquisa em andamento apresenta-se, sobretudo, como uma contribuição para o fortalecimento da relação entre os estudos da linguagem e o campo da saúde. Por um lado, há pesquisas no campo das linguagens que pesquisam a surdez, os aspectos neurolinguísticos e patologias de linguagem (afasias, dislexias e entre outras) e, por outro lado, há estudos no campo da saúde que utilizam a Análise de Conteúdo como instrumento metodológico para a busca de sentidos únicos. Contudo, são poucas pesquisas situadas na relação linguagem e saúde que estão atentas à relação língua, história, ideologia e sujeito pela perspectiva discursiva materialista. Pontuo isso para marcar a relevância da presente pesquisa para os estudos da linguagem e saúde, pois “diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 15). O questionamento que me deparo é: como as cartilhas em análise significam? Como funcionam discursivamente? Enfim, não há intenções de “atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado” (ORLANDI, 2015, p. 16). Além disso, a análise permitirá compreender como as pessoas LGBT+ são significadas no espaço da saúde e, sobretudo, significada em relação ao vírus da COVID-19. Essa contribuição é de suma importância para a garantia constitucional do direito à saúde e dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Aparato teórico

Situo a presente pesquisa na Análise de Discurso materialista por ser uma perspectiva discursiva que considera a relação língua, discurso e ideologia na produção de sentidos. Nessa posição teórica, não há busca de sentidos verdadeiros, mas sim o entendimento de que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1990, p. 53). Essa relação (língua, discurso e ideologia) produz a noção de discurso: o discurso é aquilo que materializa o contato entre o ideológico e o linguístico (LAGAZZI, 1988), e, conforme Orlandi, “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (2015, p. 15). Nesse sentido, a AD toma uma noção de língua como relativamente autônoma (ORLANDI, 2015), pois, apesar da língua ter sua ordem própria, ou seja, sua sintaxe, para que os sentidos sejam produzidos, é preciso que a história e a ideologia sustentem-os. Assim, a ideologia é a condição fundamental para a constituição dos sentidos, mas também dos sujeitos. É a ideologia que produz o efeito de evidência dos sentidos (ORLANDI, 2015), ou seja, a ilusão da literalidade dos sentidos. Nesse processo, não podemos esquecer que o contexto sócio-histórico é também uma condição de produção dos sentidos. Uma palavra pode significar de modos diferentes em períodos diferentes, assim como uma palavra pode ser significada diferentemente por sujeitos diferentes, pois cada sujeito, interpelado pela ideologia, ocupa formações discursivas diferentes.

Em relação à História das Ideias Linguísticas, parto de Sylvain Auroux (1992) que define instrumento linguístico como aquilo que “dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor” (AUROUX, 1992, p. 69). A gramática tradicional e o dicionário são exemplos de instrumentos linguísticos, pois, qualquer que seja a competência linguística do sujeito, não são todas as regras e palavras dominadas. Evidencio esse conceito para definir a cartilha de alfabetização como um instrumento linguístico, tendo em vista que se trata de um material didático para um sujeito que não domina uma língua. Todavia, é quando tomo a cartilha de conhecimento não-linguístico, ou divulgação científica, que posso pensar que há um deslizamento de sentidos, e que há uma relação entre língua e conhecimento: assim como há um sujeito que não domina uma língua, há um sujeito

que não domina certo conhecimento não-linguístico, além de um “sujeito que detém esse conhecimento e é capaz de ensiná-lo” (SILVA e PFEIFFER, 2014, p. 94).

Metodologia

De acordo com Orlandi, “o texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise” (2015, p. 66). Tendo em vista que “a delimitação do *corpus* só ocorre com a própria análise” (LAGAZZI, 1988, p. 59), é o objeto, é o texto que demanda quais conceitos analíticos podem ser mobilizados. A Análise de Discurso materialista não pressupõe uma metodologia prévia ao objeto de análise. Assim, o *corpus* de recortes discursivos não é selecionado *a priori*, pois é preciso escutar o objeto para compreender suas demandas. Não há metodologia em um sentido positivista, ou seja, de um percurso estável que é preciso seguir em busca de uma verdade e comprovação de hipótese. Apesar disso, há métodos discursivos que podem ser seguidos. Aqui tomo como método um processo que vai do linguístico ao discursivo (LAGAZZI, 1988), ou seja, estou atento às marcas linguísticas para compreender os processos discursivos.

Dessa forma, o texto, para a AD, é o objeto empírico, enquanto o discurso é o objeto teórico. O que é analisado empiricamente, então, é o texto. Na presente pesquisa, os textos compõem um *corpus* que montam um arquivo. Explico: primeiro, na AD, arquivo não é entendido pelo viés historiográfico, ou seja, como “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 23 *apud* BARBOSA FILHO, 2022, p. 10). Por uma perspectiva da Análise de Discurso materialista, um documento pode ser entendido como feixe de um arquivo e arquivo como campo de documentos, e essa posição compreende que documentos são resultados de múltiplas determinações (BARBOSA FILHO, 2022).

Em suma, tendo em vista os objetivos da presente pesquisa, monto um arquivo de cartilhas digitais de saúde que me permite delimitar um *corpus* de cartilhas. Essa delimitação ocorre ao ter atenção ao efeito de conjunto do arquivo a partir de regularidades (MODESTO, 2021). Dos documentos do arquivo montado, uma regularidade é identificada: cartilhas digitais que tematizam a COVID-19 produzidas

por instituições públicas para pessoas LGBTQ+. Assim, o *corpus* em análise são duas cartilhas: *Saúde LGBTQ em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), produzida pela Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, e a segunda intitulada *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga* (2020), produzida pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Os materiais apresentam dicas, estratégias e informações científicas sobre o coronavírus, explicitando sobre como ocorre a transmissão do vírus e afirmando o distanciamento social como uma das primeiras medidas para conter a transmissão. Apesar da delimitação de um *corpus*, o arquivo não é desfeito, já que me interessa analisar o efeito de unidade produzido ao colocarmos documentos que não têm relação necessária, mas que têm relações de sentidos produzidos por processos históricos (BARBOSA FILHO, 2022). Nesse sentido, duas cartilhas podem não ter uma relação direta, mas, ao serem analisadas em conjunto, posso identificar regularidades linguísticas e formais que são sustentadas pela memória.

Discussão

Como já dito, o método empreendido aqui vai do linguístico ao discursivo. Dessa forma, inicialmente, estou atento a algumas marcas linguísticas recorrentes do discurso de divulgação científica, como verbos no modo imperativo: use, faça, procure, busque, compartilhe, lave *etc.* Nas cartilhas em análise, tais verbos são textualizados nas dicas referentes à prevenção da COVID-19, como, por exemplo: “*Evite* circulação desnecessária nas ruas e aglomerações. *Mantenha* uma distância mínima de cerca de 2 metros de outras pessoas. *Evite* abraços, beijos e apertos de mãos. Se puder, *fique em casa!*” (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR, 2020, p. 3, grifos meus). Compreendo que as marcas linguísticas em destaque indicam um atravessamento do discurso pedagógico no discurso da divulgação científica, tendo em vista que verbos no imperativo são recorrentes nas discursividades do espaço escolar. Tenho considerado a reflexão de Silva e Pfeiffer (2014) de que a divulgação científica funciona em uma articulação do pedagógico, científico e linguístico, apagando, quase sempre, o político. Nessa direção, compreendo que os verbos do modo imperativo produzem em alguns recortes em análise o apagamento do político.

Aqui é importante tomar o conceito de discursos racializados (MODESTO, 2021). Estes discursos não são entendidos pelo autor apenas como temáticos (discursos *de* e *sobre* raça), mas sim que a racialidade atravessa qualquer produção discursiva relacionada à formação social brasileira por efeitos de silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia *etc*, pois a tensão racial é constitutiva da mesma (MODESTO, 2021). O conceito de discursos racializados permite a racialização do apagamento do político produzido pelos verbos no modo imperativo. Assim, tenho refletido que se apaga, por exemplo, quem pode evitar aglomeração no Brasil ou quem pode ter posse e estoque de álcool em gel e máscaras adequadas. Essas reflexões ainda produzem outro questionamento: quem não pode isso e aquilo? Para responder, é preciso considerar como ocorreu a colonização e a formação do Brasil, pois, por memória, é recuperável a população negra e pobre no Brasil não consegue usufruir de direitos básicos.

Outro gesto de análise que produziu parte de uma regularidade de cartilhas de divulgação científica: a textualização de glossários. Tenho entendido, a partir de Martins (2006), a divulgação científica como a circulação de conhecimento científico para um público-leigo e, por isso, é preciso de estratégias para deslocar o conhecimento científico em informação científica (ORLANDI, 2005) para os não-cientistas. Nesse trabalho de alfabetização científica (NUNES, 2008), as cartilhas assumem uma *língua não-especializada*, uma língua da sociedade para facilitar a circulação do conhecimento. Assim, o glossário, em uma perspectiva discursiva materialista, além de um instrumento de alteridade (AUROUX, 1992), tenta controlar os sentidos do texto. Parto exatamente dos sentidos dos verbetes para compreender como o público-alvo, no caso, a população LGBT+, é significado. A cartilha *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19* (2020), da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, elenca 12 verbetes do pajubá em na seção *Ficou com dúvida em alguma palavra? Veja os significados aqui*. Os sentidos dos verbetes são relacionados a qualidade inferior (Truqueiro; Fazer a egípcia; Uó; Carão), entorpecentes (Taba; Xanã; Padê; Otí), sexo/sexualidade (Guanto; Fazer o baco; Fancha) e outros (Aquê) indicando como as pessoas LGBT+ são significadas nessas relações de sentidos. Por fim, considerando essa significação com as relações sexuais, destaco que as cartilhas textualizam sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como em *Se você tem*

HIV ou outras IST, indicando como o público-alvo dos materiais em análise são significados em relação aos sentidos de ISTs.

Referências

AUROUX, Sylvain. O conceito de gramatização. In: _____. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BARBOSA FILHO, F. R. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022007, 2022. DOI: 10.20396/cel.v64i00.8664658. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664658>. Acesso em: 28 out. 2022.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

MARTINS, Marci Fileti. Divulgação científica e a heterogeneidade discursiva: análise de *Uma breve história do tempo* de Stephen Hawking. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 2, 2006, p. 1-25.

MODESTO, R. Os discursos racializados. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1851. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 28 out. 2022.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga*, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona_banner_LGBT.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

NUNES, Sílvia Regina. Efeitos metafóricos no discurso de divulgação científica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 2808-2819.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015, 12 ed.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005, 2 ed.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE DE SALVADOR. *Saúde LGBT em tempos de pandemia de COVID-19*, 2020. Disponível em: <www.saude.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/26.06.2020-Cartilha-de-Saude-LGBT-em-tempos-de-Pandemia-1.pdf>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

SILVA, Mariza Vieira; PFEIFFER, Claudia Castellanos. Pedagogização do espaço urbano. *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos - RUA* [online], 2014, Edição

Especial - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-9911. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=6>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Palavras-chave

Análise de Discurso. Cartilhas. Saúde LGBTQ+. COVID-19.

A dança enquanto linguagem sociopolítica

Itaciara Mattos Correia¹

Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas – Orientador (UESC)

Apresentação

A dança é uma atividade humana do campo da arte que envolve uma linguagem não só estética, mas, sobretudo, política e social. O presente projeto visa investigar a dança enquanto fenômeno e linguagem sociopolítica no contexto do espetáculo de dança *Na carne ou na pele* (2019), idealizado e produzido pelas alunas da turma de 2018 do Curso Técnico Profissionalizante em Dança da A.rrisca Cia de Dança (Ilhéus, Bahia), à luz do conceito de *partilha do sensível* de Jacques Rancière (2005). O espetáculo de dança aborda o tema da inclusão social a partir das opressões e os caminhos para uma justiça social, a fim de trazer a reflexão do tema através da dança.

De acordo com Bourcier (1987), desde a virada do século XX, com o advento da dança moderna seu movimento de rompimento com os padrões da dança clássica, tanto os processos de docência da dança como os de concepção coreográfica passaram por grandes mudanças, uma vez que "a intensidade do sentimento comanda a intensidade do gesto" (BOURCIER, 1987, p. 244). Para Lepecki (2011, p. 46), "coreografia não deve ser entendida como imagem, alegoria ou metáfora da política e do social. Ela é, antes de tudo, a matéria primeira, o conceito, que nomeia a matriz expressiva da função política (...)". No entanto, percebe-se que a dança que busca um diálogo de profundidade e proximidade com as questões sociais, é a mesma que persiste na manutenção de fronteiras excludentes e ausentes de reflexão. Isso ocorre quando um projeto artístico de dança exclui não só o público periférico e minoritário de seus palcos e plateias, mas também as abordagens sociopolíticas do seu contexto criativo.

Aspectos como a objetificação dos corpos e a ausência de abordagens contextualizadas com as problematizações sociais me chamam atenção para a necessidade de lançar não só um olhar crítico diante dessas questões, mas também a

¹ imcorreia1@uesc.com.br Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

urgência em agir por meio de pesquisas e projetos artísticos fundamentados e alinhados com temáticas sociais. Nesse sentido, no exercício de educadora, professora de dança, bailarina, coreógrafa, produtora artística e facilitadora de conteúdos relacionados à dança e filosofia, esse projeto visa investigar a dança enquanto linguagem sociopolítica na obra/espetáculo de dança *Na carne ou na pele, cada um sabe onde sente*.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar a dança enquanto linguagem sociopolítica no contexto da obra/espetáculo de dança *Na carne ou na pele*.

Objetivos específicos

- Destacar as formas de interação e debate sociopolítico.
- Identificar a modalidade de dança que compõe o espetáculo e destacar como essa escolha define intensão em sua linguagem.
- Analisar a relação corpo/sujeito presente na obra.
- Verificar de que forma as políticas de inclusão social estiveram presentes no espetáculo.

Justificativa

Levando em consideração o fato que ao longo da história o processo de ensino-aprendizagem da dança (bem como a sua expressão cênica por meio de composições coreográficas e montagens de espetáculos) vem acumulando estereótipos e entregando propostas limitantes e ausentes de discursão crítica social contextualizada, é de grande relevância pesquisar a importância da valorização da dança como linguagem sociopolítica, trazendo para o centro da cena o senso crítico reflexivo.

Aparato teórico

De acordo com Rengel e Langendonck (2006), a arte da dança está presente na vida do ser humano desde os mais remotos registros encontrados, pois "o ser humano começou a dançar há muitos milênios. Antes de pronunciar as primeiras

palavras, ele fazia gestos e sons como forma de comunicar suas ideias e emoções" (RENGEL; LANGENDONCK, 2006. p. 7). A dança na antiguidade estava presente em diferentes culturas, e era associada à ligação do ser humano com o cosmos. Com o tempo, foi perdendo seu caráter litúrgico e adquirindo elementos voltados à distração popular e, por volta do século XV, surgiu o ballet clássico com objetivo de entretenimento da alta classe social (RENGEL E LANGENDONCK. 2006). Na virada do século XX, a herança majestosa da dança clássica, repleta de enredos alegóricos e fantasiosos, pouco a pouco passou a ceder espaço para uma dança mais focada em representar o cotidiano. Rengel e Langendonck dizem que,

o mais importante, porém, foi a mudança de ideias: preocupações sociais, políticas, sentimentos humanos mostrados por meio da dança. O tema e o personagem principais era o homem moderno sua vida, suas tradições, seus conflitos, enfim, o homem inserido em seu mundo (RENGEL e LANGENDONCK, 2006, p. 41).

Mais do que a exibição de belos figurinos e harmonia cênica nos palcos, a dança passou a se valer da sua linguagem como forma de intervir diante de aspectos elementares da vida, convidando o espectador a refletir sobre os temas propostos, uma vez que "a arte, com toda sua força afirmativa, operaria como parte do poder liberador do negativo e ajudaria a libertar o inconsciente e o consciente mutilados [...]" (MARCUSE, 1990, p. 264). Não só os elementos técnicos e estéticos da dança sofreram rupturas ao longo do tempo, mas, sobretudo, o elemento primordial e inseparável para que a dança se realize: o corpo. A (o) bailarina (o) que antes precisava atender a exigências físicas que se voltavam para uma estética dos "balés brancos", hoje em dia já encontra uma abertura voltada a oportunizar condições de pertencimento a outros biotipos e habilidades. Em seu texto *Transformação de práticas de dança*, Sylvie Fortin (2003) aborda a questão da indivisibilidade entre a(o) artista da dança e o seu instrumento de trabalho (que é o seu próprio corpo), e afirma que as inscrições corporais de sua arte se impregnam em sua identidade e os acompanham em sua vida de todos os dias" (FORTIN,2003, p. 162). Nessa perspectiva, Fortin discorre sobre os conceitos de corpo/objeto e corpo/sujeito e, a partir disso, critica a relação hierárquica de apropriação dos corpos na dança:

A exploração sensível da pessoa por ela mesma é uma fonte de saber complementar à dos professores e professoras. Do mesmo modo que uma autoridade estética se inscreve em nossa carne através de práticas corporais nas quais nos engajamos, essas diferentes práticas corporais podem também ser utilizadas como fonte de resistência e emancipação. Dito de outra maneira, se for verdade que relações de poder de opressão se inscrevem em nosso corpo, então essas relações de opressão podem ser postas de novo em questão pelas práticas corporais. Reconhecer o uso preponderante das apresentações do corpo na sociedade mediática contemporânea, assim como no estúdio de dança, nos convida a nos engajar ainda mais em práticas que reconciliem as noções de corpo objeto e corpo/sujeito. (FORTIN, 2003, p. 168-169).

Sendo assim, a(o) bailarina(o) que coloca seu corpo à disposição para que a(o) professor(a) ou coreógrafa(o) desenvolva o seu trabalho, necessita de uma abertura para que possa expressar, a partir de sua experiência vivida, a melhor versão dos movimentos que deverão ser executados. Isso destaca uma diferenciação estrutural entre a dança clássica e a dança contemporânea, que reside no aspecto social que estas representam. Enquanto a dança clássica desperta o gatilho das influências colonizadoras na cultura brasileira, a dança contemporânea abre o diálogo para novas possibilidades.

Metodologia

A pesquisa será realizada através da análise de dados audiovisuais, bem como análise de documentos e anotações e outros materiais impressos. Como aporte teórico, também será realizada pesquisa bibliográfica, a fim de nortear o processo e seus fins. A metodologia utilizada será a qualitativa por meio da técnica de análise de conteúdos; o objeto escolhido para o trabalho empírico será composto pelo espetáculo documentado em vídeo de domínio público *Na carne ou na pele*, e demais registros e documentos que tenham feito parte do processo de criação, elaboração e execução do mesmo.

Discussão

Tomando o corpo como primeiro elemento de análise desta pesquisa, observa-se que este abriga aspectos sociais e culturais, e tanto as narrativas hegemônicas como as contra-hegemônicas habitam o corpo dentro do curso da sua história. Seja

no aprendizado de técnicas da dança ou na adoção de suas estéticas, existem relações de poder em seus processos. Para elucidar este fato, Gilles Deleuze em seu artigo *Post- Scriptum sobre as sociedades de controle* (1992) organiza o fluxo do desenvolvimento social da seguinte forma: em seu princípio, as sociedades funcionavam sob modo de soberania, onde o seu objeto era a tomada de poder de modo integral das posses, dos direitos e da vida das pessoas. Sob o conflito de seus elementos estruturais, as sociedades soberanas transitaram para as sociedades disciplinares, que centralizou o foco no aspecto individual, gerindo a vida das pessoas sob a égide dos corpos dóceis. No curso de seu desenvolvimento, as sociedades disciplinares passaram também a gerar conflitos não solucionados, dando surgimento às sociedades de controle, que passa a gerir a vida operando sobre grande quantidade de corpos que estão sob a influência de rede. Deleuze afirma que todos esses modelos de sociedade trazem consigo a rigidez necessária para despertar novas formas de resistências (DELEUZE, 1992).

Em seu texto *Ligações da dança contemporânea nas sociedades de controle*, a autora Rosa Primo (2005) associa tais diferenciações a partir do processo de transição entre as sociedades disciplinares e as sociedades de controle. A autora parte do entendimento que essa passagem ocorre quando os muros que definem as instituições desmoronam, diminuindo cada vez mais a diferença entre o que se encontra fora e dentro deles. Trazendo esse entendimento para a abordagem do corpo, “tal fronteira (dentro/fora) há muito foi rompida, sobretudo a partir da transformação do interior em terreno de conquistas científicas” (PRIMO, 2005, p. 109). Isso denota que o papel da dança na sociedade contemporânea deve abarcar aspectos para além da técnica, visando uma lógica mais qualitativa e expressiva. Sobre esse mesmo aspecto, Sovik afirma que

O pensamento atual presume uma visão da cultura em que não há “lado de fora”, em que a produção cultural não é instrumento com uma finalidade certa (modernização, libertação, desenvolvimento), embora afete e seja afetada por condições econômicas, políticas, sociais. É nesse contexto que a identidade cultural assume destaque na discussão contemporânea: como nome de forças simbólicas, concebidas como articuladas a forças sociais, políticas, econômicas. (SOVIK, 2007, p. 209).

A dança toma para si as amplitudes do campo da compreensão e, como linguagem artística, é em si um meio de discurso e comunicação, e pode ser entendida como coautora dos sentidos da vida, uma vez que é um espaço reflexivo coletivo. Em sua natureza constitutiva, a dança engloba diversos elementos materiais e sociais que lhe servem de alicerce, tais como: as motivações para escolha do seu elenco, a trilha sonora, os elementos cênicos, o público alvo a qual foi destinada, a contrapartida social, os objetivos esperados, o contexto e o local em que os processos criativos acontecem, bem como o local escolhido para a sua execução. Destacar e examinar tais aspectos possibilita à dança uma abordagem política através da crítica que se dispõe a fazer, a partir de levantamento de questionamentos e propostas transformadoras em direção ao dissociar-se dos padrões sociais hegemônicos.

Desse ponto de vista, arte e política são duas atividades humanas que operam de modo a serem colaboradoras uma da outra. Jacques Rancière (2009) afirma que “a política se ocupa do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer [...]”. Para Rancière, da mesma forma que a arte, a política se fundamenta no mundo sensível e isso as torna muito próximas a partir da *partilha do sensível*, que toma como base da comunidade política democrática a diversidade das percepções individuais acerca de algo. Nesse sentido, a dança como expressão artística se vale do corpo e do alcance da sua linguagem para tornar visível o seu discurso sociopolítico àqueles a que se volta o objetivo do seu projeto, mostrando-se um ato não só estético, mas sobretudo um ato político. Assim como a dança, a política também é composta pelo movimento, sendo, ambas, atos de resistência.

Referências

BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DELEUZE, G. Post-Scriptum. Sobre as Sociedades de Controle. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990. p. 219-226. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990. p. 219-226.

FORTIN, Silvie. Transformação de Práticas de Dança. Tradução Gustavo Ciriaco. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia (Org.). *Lições de dança 4*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003. p. 161-173.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolicia. In: *Ilha - Revista de Antropologia*, UFSC, Florianópolis/SC, V.13, n.1,2, 2011, p 41-60. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n12p41/23932>Acesso em outubro de 2020.

MARCUSE, Herbert. A arte na sociedade unidimensional. In: LIMA, L.C. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Na carne ou na pele. Direção e Produção: Alunas do Curso Técnico Profissionalizante de Dança da A-rrisca Cia de dança. YouTube. Data de publicação: 19 de setembro de 2019. Duração: 50min. e 50seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qIYB77SIPU&t=178s> Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

PRIMO, Rosa. Ligações da dança contemporânea nas sociedades de controle. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. (Org.) *Lições de Dança 5*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2005. p. 107-122. Disponível em: <http://www.danca.ufba.br/arquivos_pdf/ligacoes_danca.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>.

RANCIERE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo. Ed. 34, 2005.

RENGEL, Lenira; LANGENDONCK, Rosana. *Pequena viagem pelo mundo da dança*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2006.

SOVIK, Liv. Cultura e identidades: teorias do passado e perguntas para o presente. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.) *Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: Edufba, 2007, p. 209. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/139/4/Teorias%20e%20politicas%20da%20cultura.pdf>.

VALÉRY. Paul. Filosofia da Dança. In: *periódico do programa de pós-graduação em artes cênicas*. Tradução de Charles Feitosa. Rio de Janeiro: UNIRIO, volume 3, 2011. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1915/1511>Acesso Em outubro de 2020.

Palavras-chave

Dança. Corpo. Linguagem sociopolítica.

Representação e performance nos penteados de Zuri, em *Hair Love*, de Mathew A. Cherry

Kellyanne Melgaço Papalardo Chagas da Silva¹

Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas – Orientador (UESC)

Apresentação

O corpo carrega em si marcas da cultura, portanto da memória, e o cabelo, elemento identitário, forte demarcador da representação, é peça chave, fio condutor desta pesquisa. O ponto focal estabelece os penteados enquanto performance, ao evidenciar o corpo como espaço da linguagem. O curta-metragem *Hair Love*, escolhido como objeto de estudo para tal investigação, aborda temas relacionados ao empoderamento capilar e a representação, através dos penteados performados pela protagonista Zuri, uma menininha que vê em seus cabelos o reflexo da ancestralidade, quando diz: “Meu cabelo é papai, mamãe e eu”.

Nessa vertente, conhecer o curta metragem *Hair Love*, do produtor e diretor Matthew A. Cherry, representa sentir-se “tocada” pela personagem-protagonista Zuri, e automaticamente, identifiquei-me com inúmeros aspectos da narrativa, a exemplo das dificuldades enfrentadas pela menina, ao tentar cumprir a tarefa básica e diária de pentear-se. Em virtude da ausência temporária da mãe, que vive um período de internamento hospitalar e cujo tratamento resultou na perda de seu “black-power”.

Portanto, trazer o supracitado audiovisual para o campo da respectiva pesquisa, é mostrar os elementos pertencentes à performance capilar. Neste sentido, o vocábulo traduzido do francês tem como função fazer, cumprir, conseguir, concluir; tarefas que podem ser associadas pelo modo que o pai tenta arrumar o cabelo da menina. Sendo assim, a tarefa seria considerada uma performance, pois a figura paterna consegue realizar a tarefa de forma eficaz, com sucesso.

Dentre os conceitos ou termos mais abordados estão performar e performance, linguagem que o corpo realiza ou efetiva. Sob essa premissa, vale destacar o uso de penteados, tais como: tranças, coques, uso de toucas de cetim que o auxiliam a estar belo. Em *Hair Love*, os diferentes penteados denotam distintas performances,

¹ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Kellyannepapalardo84@gmail.com.

representam variados modelos, onde as mechas são trabalhadas de maneira criativa, ao valorizar a personalidade na protagonista. Tendo em mente tais questões relacionadas ao comportamento, ou seja, à performance nos penteados da protagonista Zuri, busco responder a seguinte pergunta: Como se estabelece a relação entre representação e performance no cabelo crespo, tendo por foco os penteados da protagonista Zuri, no audiovisual *Hair Love*?

É interessante notar que o referido curta-metragem, de Mathew A. Cherry, apresenta uma possível quebra de estereótipo referente a cabeleira encaracolada. Em outras palavras, ao trazer a criança negra, o filme se diferencia das produções que dão maior visibilidade ao embranquecimento de seus personagens através de padrões que são socialmente aceitos e advindos dos atravessamentos da colonização.

Objetivos

Objetivo geral

Investigar como se estabelece a relação entre representação e performance no cabelo crespo, tendo por foco os penteados da protagonista Zuri, no audiovisual *Hair Love* (2019), de Mathew A. Cherry.

Objetivos específicos

- Selecionar e apresentar os estilos e penteados que envolvem a performance do cabelo, no audiovisual objeto de estudo;
- Discutir as relações existentes no processo de cuidar do cabelo como uma tarefa masculina ou feminina.
- Evidenciar que, no curta-metragem, o modo de cuidar do cabelo crespo e dar-lhe forma permite enaltecer e ressignificar a sua própria estética;

Justificativa

A transição das mechas é uma tendência que se popularizou como forma de reconhecimento do cabelo, sobretudo por enaltecer as características naturais do crespo/cacheado. Dentre os variados tipos e acessórios, a exemplo da touca de cetim, temos também: cortes, penteados e tranças, que são marcas que acentuam a naturalidade capilar negra, e seu uso na sociedade manifesta o reconhecimento da

cultura africana, que é a referência também para o hábito de utilizar o turbante. Através da memória, a cultura ancestral se propaga, ao trazer características identitárias dos povos negros que normalmente são passadas de “geração em geração” e cujo impacto se exercem na conservação de práticas e costumes que estabelecem um vínculo de pertencimento.

Tendo por base este preceito, é relevante observar como se dá essa inferência do conceito de performance, bem como empoderamento, na abordagem do referido gênero audiovisual, sob a ótica da representação, e, portanto, da identidade, no contexto de acrescer valor à naturalidade do cabelo afro descendente, em uma perspectiva infantil, haja vista que é na infância que se estabelece a conexão entre cultura e memória.

Aparato teórico

Ao iniciar a busca por teóricos nos quais pudesse obter o aporte necessário para o desenvolvimento da discussão acerca do cabelo crespo, observei que havia também uma relação entre cabelo e performance. Neste sentido, Schechner é um dos teóricos que trata sobre o referido termo. Em sua definição, “todo teatro é performance, mas nem toda performance é teatro” (SCHECHNER, 2010, p. 28). Exemplificando, neste sentido, quase tudo que envolve o comportamento humano pode ser tratado como performance.

Existem algumas categorias distintas sobre performance e performatividade, no entanto, selecionei apenas as que se aplicam ao uso do corpo enquanto elemento da linguagem. Partindo-se desse conceito, “o cabelo é um forte marcador identitário e um elemento importante para a construção corpórea. [...] Símbolo que demarca, dependendo de formas capilares, posições sociais como: classe, ocupação, posição religiosa e política, entre outros” (SABINO, 2001, p. 25). Nesta perspectiva,

[...] o cabelo representa um elo de ancestralidade com os povos africanos. Está no cabelo uma energia estética que se une a valores morais, éticos, sociais, religiosos e culturais. Exibir o cabelo crespo livre [...] é o mesmo que ter o corpo livre para assumir plenamente a identidade negra [...]. Assumir os cabelos como distintivos raciais/étnicos é uma atitude que acompanha os processos de conquista do direito cultural e do direito à cidadania. Os cabelos coroam cabeças e emolduram rostos, identificando pessoas nas suas

lidas cotidianas, construindo personagens para as festas ou ainda rituais religiosos, integrando e construindo imagens que identificam papéis de homens e mulheres (LOYDE, 2004, p. 125-126).

Dessa maneira, percebe-se que o cabelo enquanto elemento identitário de homens e mulheres, caracteriza-se como uma marca. Assim, “na condição de símbolo pessoal e, ao mesmo tempo, público e de grupo, o cabelo representa uma performance individual e, como tal, coopera com e reflete uma performance de grupo” (QUINTÃO, 2013, p. 32). A autora cita David Le Breton (1998), ao afirmar que:

[...] o corpo é socialmente construído, ou seja, é um produto do mundo, da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Nas formas em que é apresentado, o cabelo expressa as intenções dos indivíduos, seja de se adequar a um padrão estético vigente do grupo ao qual pertence (por exemplo, homens executivos com cabelos curtos), ou o desejo da diferenciação dos demais grupos (como um punk, através da resistência, com seu moicano), ainda que tal diferenciação também o faça pertencer a um grupo, mesmo que menor. Tais expressões fazem parte dos discursos destes indivíduos e são também um reflexo de suas interações com seus meios. Portanto, o cabelo é, por si só, um gesto, uma de nossas ferramentas de expressão. Através da gestualidade dos penteados que usamos expressamos nossas intenções, crenças e desejos (QUINTÃO, 2013, p. 35).

Neste âmbito, a performance aqui, é uma característica que representa “a quebra de convenções”, conforme Cohen (2013, p. 27), aspecto que denota uma valorização para os formatos e modelos capilares que destacam a estética. “Portanto, existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo” (GOMES, 2002, p. 44).

Por conseguinte, a cabeça é um “lugar que revela o homem, seu grupo social, sua história [...], define a identidade e traduz o sentimento de pertencimento a um grupo” (LOYDE, 2004, p. 59). Consequentemente, mostrar e pentear os cabelos representa um ato de comunicação, reconhecimento da cultura, manifestação da beleza e de padrões estéticos que enaltecem “a beleza negra como lugar de orgulho e de pertencimento cultural” (LOYDE, 2004, p. 91). Dessa forma, “cada ser humano, de fato, constrói sua identidade no correr do tempo que, simultaneamente, altera-o” (CANDAUI, 2018, p. 60). Fato que favorece para a construção da memória,

especialmente a partir das imagens que são construídas. Sendo assim, essas marcas de “[...] representações visuais carregam sentido” (HALL, 2016, p. 76).

Nesta perspectiva, “[...] os penteados afros, principalmente o ‘Black’, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro (a)” (HOOKS, 2005, p. 2-3). Posto isto, o cabelo naturalmente crespo, enquanto fenômeno de empoderamento, reforça características símbolo da negritude que afirmam uma identidade. Para Quintão (2013, p. 33),

Há modos e modas de cabelo para diferentes crenças, práticas religiosas, gêneros, profissões, preferências etc. Estes podem variar em comprimento, cor, tipos de fio e de adornos, pela presença ou pela ausência de cabelo e como ele é ostentado ou ocultado; tais variações são produtos dos meios onde os indivíduos atuam e interagem com seus pares.

Concomitantemente a isso, usar acessórios como o turbante é um recurso estético que transmite uma mensagem. Aspecto que sinaliza, por sua vez, um ato político de resistência em relação aos padrões hegemônicos vigentes. Sendo assim, Batliwala (1994), explica que “empoderamento” é o processo de questionar essas ideologias, por meio de relações de poder, que favorece ganhar maior controle sobre os recursos apontados. Dito isso de outra forma, Batliwala cita Sharma, ao afirmar que:

O termo *empoderamento* se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o *empoderamento* é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (1994, p. 130, grifo nosso).

Ao enaltecer a forma natural do cabelo crespo e as várias maneiras de ter uma performance capilar satisfatória, através dos penteados, tal estudo abre uma perspectiva que indica uma aproximação com a cultura e a memória do povo negro enquanto gesto de linguagem. Sendo assim, esse percurso teórico nos permite

aprofundar nos temas relacionados ao empoderamento e a identidade na representação dos penteados.

Metodologia

Esta proposta de estudo se realiza por meio de investigação qualitativa de caráter audiovisual e bibliográfico, posto que se pretende realizar uma análise das imagens no intuito de enaltecer a representatividade do cabelo crespo como marcador da identidade, que se apresenta em *Hair Love*, de Mathew A. Cherry. Com o propósito de mostrar a identidade da criança, detalhou-se então os aspectos que evidenciam o cabelo como elemento da cultura. A partir do curta-metragem, a priori, pretende-se selecionar as imagens, realizar a transcrição das próprias, bem como decupar o áudio. Aspecto que favorece para uma maior ampliação do texto audiovisual. Além disso, é essencial destacar alguns planos que enaltecem ainda mais o poder que o cabelo exerce na referida narrativa.

Discussão

As imagens selecionadas do audiovisual, são basilares para o gesto de análise, trazem consigo marcas da memória, expressas através da cultura. Os penteados selecionados nos dizem muito a respeito da ancestralidade dos povos africanos, além disso são recursos para que adentremos um campo ainda mais profundo, o campo simbólico. Os recortes selecionados para nortear essa pesquisa, levam-nos a um passeio pelo imaginário social, e pelo imaginário da personagem Zuri.

Dessa forma, espera-se comprovar nesta pesquisa fílmica que *Hair Love*, de Matthew A. Cherry mostra a necessidade de cuidar dos cabelos crespos na criança negra, de maneira específica, que faça atenção para questões relacionadas a Cultura e a Identidade. Sendo que, o maior destaque ocorre a partir da quebra de estereótipo quanto à menina sentir-se representada pelos mais variados penteados.

Referências

BATLIWALA, S. (1994). "The meaning of women"s empowerment: new concepts from action". In. G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*, pp.127-138. Boston: Harvard University Press.

Batliwala, S. (2002). "Grassroots Movements as Transnational Actors: Implications for Global Civil Society." *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, Vol. 13, Nº 4.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. Ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

CHERRY, Matthew A. *Amor de cabelo*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Galerinha Record, 2020.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem* (2013). Perspectiva, São Paulo.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, nº. 21, p. 40-51, set/dez 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. Trad. Marcos Santarrita *Revista Estudos Feministas*. Nº 2, 1995. p. 464-478.

LOYDE, Raul Giovanni da Motta. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. *O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária*. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2013.

SABINO, Fernando. *Livro aberto*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. In: BALHEGO, Juliana de Melo. *Cabelo ruim? a representação do cabelo crespo na publicidade brasileira*. 2016. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2016.

SCHECHNER, Richard. *Performance theory*. New York: Routledge, 1988.

TURNER, Victor. *The Anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.

Palavras-chave

Performance. Cabelo Crespo. Identidade negra. Imagem Audiovisual.

SIP

2022.2

